



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

CINTHIA SÂMELA ROCHA DE OLIVEIRA

**BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA ENTRE PROFESSORES E
ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR DO CAMPO: Análise na EMEF
“São José” no Município de Jacareacanga- Pará**

**ITAITUBA/ PA
2021**

CINTHIA SÂMELA ROCHA DE OLIVEIRA

**BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA ENTRE PROFESSORES E
ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR DO CAMPO: Análise na EMEF
“São José” no Município de Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA
2021

OLIVEIRA. Cinthia Sâmela Rocha.

BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR DO CAMPO: Análise na EMEF “São José” no Município de Jacareacanga- Pará.

CLPL da FAI, 2019: CLPL da FAI, 2021.

66 fls

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2021.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

I. Inter-relação. Professor e aluno. Afeto e respeito. Aprendizagem II. Lúcia Maria da Costa Cruz.. Faculdade de Itaituba- Itaituba, BR- Pará/ 2021.

CÍNTIA SÂMELA ROCHA OLIVEIRA

**BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO
AMBIENTE ESCOLAR DO CAMPO: Análise na EMEF “São José” no Município
de Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lucia Maria da costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ Nota: _____
Prof. Edilane da Silva Melo, Esp.

Avaliador 2: _____ Nota: _____
Prof.^a Reuma de Sá Almeida Barros. Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 12 de Fevereiro de 2021.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à minha família cuja força e amor é inspiração de Deus, a me guiar todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e primeiro lugar ao meu grande Deus, por ter me dado a oportunidade de trilhar por um caminho rumo à minha formação. Obrigada, Senhor, por me proporcionar sabedoria, saúde e forças para a realização deste sonho.;

Agradeço também aos meus pais, pelo incentivo durante toda a minha vida acadêmica, sempre acreditando no meu potencial e por nunca desistirem de mim, mesmo nas grandes dificuldades pelas quais passamos, porém, Deus nos tornou vencedores;

Meus sinceros agradecimentos aos meus irmãos Adriel e Rosileide que sempre me ajudaram cuidando do meu filho que é a minha maior motivação para estudar, de querer sempre o melhor para as nossas vidas, com forças para continuar. Obrigada por tudo!;

Meus agradecimentos à toda família Lira que sempre me apoiou e cuidou do meu filho, enquanto eu estava ausente para estudar;

À minha orientadora profa. Lucia Maria da Costa Cruz, por sua contribuição de forma competente e significativa, pela paciência e disposição para a realização deste trabalho;

Ao maravilhoso coordenador e prof. Francisco Cláudio de Sousa Silva, pela força, dedicação e competência, incentivando neste momento difícil de pandemia;

Agradeço também a todos de minha família que contribuíram de forma direta e indiretamente na realização sonho, pois sem esse importante apoio, eu não poderia ter chegado à vitória!

A todos, o meu cordial e sincero Muito Obrigada!

O professor disserta sobre ponto difícil do programa. Um aluno dorme, cansado das canseiras desta vida. O professor vai sacudi-lo? Vai repreendê-lo? Não. O professor baixa a voz, Com medo de acordá-lo.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente trabalho, intitulado “Benefícios da convivência entre professores e alunos no ambiente escolar do campo”, com uma investigação na EMEF “São José” no Município de Jacareacanga- Pará, em Setembro de 2020, objetivou analisar as relações de afetividade e respeito entre professor e aluno. A pesquisa foi baseada em abordagem qualitativa, buscando respostas a questionários emitidos individualmente para professores que trabalham na escola citada, onde intencionou-se responder às questões que direcionaram o estudo, tais como: Como se dá a relação professor-aluno dentro do âmbito escolar? Quais são os aspectos positivos e negativos envolvidos na relação professor-aluno? Quais as origens dos principais conflitos que ocorrem dentro do âmbito escolar? Quais os caminhos podem ser seguidos como forma de entender melhor e ajudar na resolução de conflitos? Os objetivos almejados consistiram em Analisar a relação professor-aluno no ambiente escolar; Identificar os aspectos positivos e negativos da relação professor-aluno; Compreender a origem dos principais conflitos existentes no ambiente escolar e definir estratégias para mediar relações e conflitos. A inter-relação entre o docente e aluno é ocorrente em sala de aula, devendo prevalecer a empatia e a afetividade, para que o desenvolvimento do sujeito como ser humano possa fluir e assim ocorrer a aprendizagem efetiva e eficaz. Precisa-se trabalhar a presença dos pais na escola, com a finalidade de unir os grupos sociais em que a criança está inserida, almejando também a educação familiar que é necessária para a escola, com afeto e respeito.

PALAVRAS- CHAVE: Inter-relação. Professor e aluno. Afeto e respeito.

ABSTRACT

The present work, entitled “Benefits of coexistence between teachers and students in the rural school environment”, with an investigation at EMEF “São José” in the Municipality of Jacareacanga- Pará, in September 2020, aimed to analyze the relationships of affection and respect between teacher and student. The research was based on a qualitative approach, seeking answers to questionnaires issued individually to teachers who work in the school mentioned, where it was intended to answer the questions that guided the study, such as: How is the teacher-student relationship within the school? What are the positive and negative aspects involved in the teacher-student relationship? What are the origins of the main conflicts that occur within the school? What paths can be taken as a way to better understand and help in conflict resolution? The desired objectives were to analyze the teacher-student relationship in the school environment; Identify the positive and negative aspects of the teacher-student relationship; Understand the origin of the main conflicts in the school environment and define strategies to mediate relationships and conflicts. The interrelationship between the teacher and the student occurs in the classroom, and empathy and affection must prevail, so that the development of the subject as a human being can flow and thus effective and efficient learning occurs. It is necessary to work on the presence of parents at school, with the purpose of uniting the social groups in which the child is inserted, also aiming at the family education that is necessary for the school, with affection and respect.

KEYWORDS: Interrelationship. Teacher and student. Affection and respect

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Como se dá a relação professor-aluno dentro do ambiente escolar?	48
QUADRO 02	Quais são os aspectos positivos e negativos envolvidos na relação professor-aluno?	50
QUADRO 03	Quais as origens dos principais conflitos que ocorrem dentro da escola?	51
QUADRO 04	Para que o docente tenha uma boa convivência com os alunos, é preciso ter relações “Intra e interpessoais”. Fale sobre.....	52
QUADRO 05	Comente sobre “A importância do professor empático” em sala de aula.....	53
QUADRO 06	Os pais de alunos da escola do campo, contribuem com a educação de seus filhos? Como você lida com isso? Justifique sua resposta.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONTEXTUALIZANDO RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO.....	14
1.1 DEFININDO RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR	14
1.2 AFETIVIDADE NA ESCOLA: AMBIENTE DE RESPEITO E CONFIANÇA	20
1.3 RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIAS AFETIVAS ENTRE O PROFESSOR E ALUNO NA ESCOLA DO CAMPO	26
2 REFLEXÃO SOBRE A CONVIVÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA DO CAMPO.....	33
2.1 PROFESSOR E ALUNO: A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO	33
2.2 A ÉTICA E O CONVÍVIO ESCOLAR	36
2.3 CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR CAMPESINO	41
3 BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR DO CAMPO: ANÁLISE NA EMEF “SÃO JOSÉ” NO MUNICÍPIO DE JACAREACANGA/PARÁ ..	46
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	46
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	47
3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	48
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	56
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	64

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, abordou os benefícios da convivência entre professores e alunos no ambiente escolar do campo, com uma investigação na EMEF “São José” no Município de Jacareacanga- Pará, em Setembro de 2020 e objetivou analisar as relações de afetividade e respeito entre professor e aluno, no ambiente escolar.

Para tanto, ocorreu uma pesquisa bibliográfica, com teóricos citados para o tema, tais como Aquino (1996), Belotti (2010), Correia (2012), Costa (2013), Ferreira (2019), Freire (2003), dentre outros e uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, buscando respostas a questionários emitidos individualmente para professores que trabalham na escola citada, onde intencionou-se responder às questões que direcionaram o estudo, tais como: Como se dá a relação professor-aluno dentro do âmbito escolar? Quais são os aspectos positivos e negativos envolvidos na relação professor-aluno? Quais as origens dos principais conflitos que ocorrem dentro do âmbito escolar? Quais os caminhos podem ser seguidos como forma de entender melhor e ajudar na resolução de conflitos?

Os objetivos alcançados consistiram em analisar a relação professor-aluno no ambiente escolar; Identificar os aspectos positivos e negativos da relação professor-aluno; Compreender a origem dos principais conflitos existentes no ambiente escolar e definir estratégias para mediar relações e conflitos

O trabalho foi estruturado em três capítulos, onde o primeiro aborda o contexto das relações de convivências entre professor e aluno, definindo relações interpessoais no ambiente escolar, a afetividade na escola: ambiente de respeito e confiança e as relações de convivências afetivas entre o professor e aluno na escola do campo

O segundo capítulo faz uma reflexão sobre a convivência escolar na escola do campo, como também o professor e aluno e a importância dessa relação afetiva, a ética e o convívio escolar e a construção da relação no ambiente escolar campesino.

O terceiro capítulo explanou o resultado da investigação, com a caracterização da escola, o perfil dos docentes, a metodologia utilizada, a coleta e análise da pesquisa com comentários e exploração das respostas, propostas

contribuintes e conclusão. Constatou-se que a escola utiliza-se de afetividade e respeito para com os alunos, ressaltando uma interação e compreensão entre o professor e aluno e a necessidade da presença dos pais para fluir uma educação mais eficaz.

Neste sentido, considera-se uma relação extremamente importante para qualquer estudante, independentemente da sua idade ou do seu grau de formação, que se estabelece com o educador, agente direto da educação escolar. Quando os professores e os alunos mantêm um bom relacionamento em sala de aula, o aprendizado se torna mais eficiente e passa a existir um maior engajamento de ambas as partes, com mais afinidade e respeito.

Portanto, durante o momento de aprendizagem, todas as partes envolvidas trocam experiências, informações e conhecimentos. Sendo assim, a dinâmica flui melhor quando se mantém uma relação positiva de afeto entre o aluno e professor, o que também contribui para se manter a motivação em sala de aula e o resultado é uma aprendizagem eficaz, alicerçada nas boas relações entre agentes educacionais que convivem diariamente na escola, objetivando a vida na sociedade.

1 CONTEXTUALIZANDO RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO

1.1 DEFININDO RELAÇÕES INTRA E INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Na escola são estritamente necessárias as relações de uma boa convivência, entre o professor e o aluno, pois o primeiro é o agente direto da educação escolarizada, responsável pelo desenvolvimento educativo da criança, especialmente aqueles alunos da escola do campo.

Assim, o processo de aprendizagem está atrelado principalmente às relações interpessoais; e o desenvolvimento da inteligência exige a ação e a interação como objeto de conhecimento e com o outro; quanto menos se lida com esse objeto, menor é o desenvolvimento ou nenhum ocorre.

Neste sentido, a sala de aula é um verdadeiro fenômeno social. Tudo que ocorre neste contexto, ali estará representado. As trocas interpessoais são incessantes e permeiam todo e qualquer procedimento de aprendizagem. Uma relação extremamente importante para qualquer estudante, independentemente da sua idade ou do seu grau de formação, da zona urbana ou mesmo no contexto campestre, é aquela que se estabelece com o educador e o aluno. Quando estes mantêm um bom relacionamento em sala de aula, o aprendizado se torna mais eficiente e passa a existir um maior engajamento de ambas as partes.

Neste aspecto, o resultado é positivo. Pois, o Plano Nacional de Educação (2002) ressalta que “a educação escolar não se reduz à sala de aula e se viabiliza pela ação articulada entre todos os agentes educativos – docentes, técnicos, funcionários administrativos e de apoio que atuam na escola”. A escola é uma extensão da família e o pátio é uma extensão da sala. Os conflitos nas relações interpessoais refletem o contexto e são veículos de manifestações do currículo oculto no ambiente escolar, que deve ser também trabalhado.

O mundo contemporâneo modificou progressivamente as antigas formas de convivência humana; esse novo interesse pode refletir uma crescente dificuldade no domínio das relações interpessoais; considerando cada vez que se enfrenta a realidade autêntica de sua vida, o homem contemporâneo sente, imediatamente, a sua solidão. Por isso, é preciso atentar para esta questão. Pela necessidade e importância, da sua relação no espaço escolar.

Deste modo, os espaços educativos constituem-se em fenômenos sociais que manifestam, com fundamento nas emoções, os pensamentos, os conceitos e os objetivos dos grupos sociais, num processo histórico e relacional, criando realidades que, nesta interação constante, recria os sujeitos dela participantes.

O homem é um ser eminentemente social. Sobretudo, defende a ciência e a psicologia comportamental. A evolução se baseia nos contatos mútuos que estabelecem-se com os outros, ou ainda no contato com o ambiente. A mente humana sente uma necessidade natural de pôr-se em contato com os outros; sente uma necessidade de manifestar opiniões pessoais e, mais intimidade, de emitir e receber sentimentos pessoais. E essa necessidade de viver em grupo obriga o sujeito a um autoconhecimento e conhecimento do outro para assim respeitá-lo e compreendê-lo, dentro de suas especificidades e condições, com sua liderança. Assim,

[...] liderança participativa é uma estratégia empregada para aperfeiçoar a qualidade educacional. Constitui a chave para liberar a riqueza do ser humano que está presa a aspectos burocráticos e limitados dentro do sistema de ensino e a partir de práticas orientadas pelo senso comum ou hábitos não avaliados. Baseado em bom senso [...] a realização de serviços educacionais é construída a partir de modelos de liderança compartilhada, que são os padrões de funcionamento de organizações eficazes e com alto grau de desempenho ao redor do mundo. (LÜCK. 2005, p.35)

Diante desta questão, é necessária uma maior abertura, por parte daqueles que lidam com a educação, e uma relação de confiança, admiração e respeito são fundamentais para aprendizagem do aluno. Sabe-se que se há respeito mútuo e admiração no contexto escolar o professor não necessita usar de artifícios como o autoritarismo para punir ou fazer com que o aluno tenha um bom desenvolvimento em sala de aula ou em qualquer contexto social ao qual esteja inserido.

Atualmente, um grande desafio que a escola enfrenta é a construção de proximidade e empatia no processo de ensino e de convivência, a saber, que para a efetiva construção destes, é necessário se levar em consideração o ambiente, as experiências, os saberes, enfim a realidade local. No entanto, é necessário adotar uma postura dialógica baseada na vida pessoal de cada um, buscando compreender as complexidades e os saberes um dos outros. Considera-se que os sujeitos envolvidos no contexto precisam de relações interpessoais para uma convivência mais humana e sadia. Vinha (2015) ressalta que:

(...) um lugar de trabalho efetivo com o conhecimento, que investe no êxito, motivação, participação e bem-estar dos alunos, promove o valor da escolarização e o sentido dado às aprendizagens. Implica também na atuação eficaz de um corpo docente estável e na presença de estratégias diferenciadas que favoreçam a aprendizagem de todos e o acompanhamento contínuo, de forma que nenhum aluno fique para trás (VINHA, 2015, p. 89).

Quanto á isso, precisa- se da busca pela excelência e de relações saudáveis no convívio escolar, bem como na vida social em geral, pois é no convívio que se dá a proximidade e empatia, e o professor tem o papel principal também de liderar , cujo objetivo é trabalhar em prol de uma educação de qualidade e por excelência.

Neste aspecto, as relações interpessoais são grandes responsáveis pela formação de valores morais, que se referem a trocas afetivas que o sujeito realiza com o exterior. Sendo assim, cada indivíduo constrói seu próprio sistema de valores, que se integra à sua identidade; logo, a identificação de cada indivíduo é formada através do meio em que se vive, das pessoas com quem se relaciona e principalmente da ideologia no qual está submergido. E estes valores muito influenciam na conduta. Na escola, essa situação deve ser atentada e trabalhada com responsabilidade.

A mudança de que a escola precisa é uma mudança paradigmática. Porém, para muda-la, é preciso mudar o pensamento sobre ela. É preciso refletir sobre a vida que lá se vive, em uma atitude de diálogo com os problemas e as frustrações, os sucessos e os fracassos, mas também em diálogo com o pensamento, o pensamento próprio e o dos outros. (ALARCÃO, 2001, p. 15)

Assim, ao sugerir uma mudança paradigmática, reforça-se que mesmo sendo preciso seguir os padrões de mudanças estabelecidos, toda escola deve levar em consideração sua realidade, e isto engloba seus problemas, sucessos, fracasso, enfim, ao se cogitar uma mudança é necessário dialogar com os pensamentos próprios e o dos outros, e isto só é possível se no ambiente escolar reinar uma convivência e relação interpessoal saudável entre todos àqueles que, de fato são responsáveis pelo sucesso escolar.

A escola é considerada como um espaço multicultural, no qual as diferenças, os problemas, as diversidades de conhecimento, as regras e valores fazem um emaranhado envolvendo uma gama de pessoas cujas características são diferenciadas, e as relações interpessoais são imprescindíveis para a

convivência e o sucesso escolar. Como relata Santos (2005), que a relação dialógica, comunicação e intercomunicação entre os sujeitos são fundamentais a qualquer prática educativa. É no respeito às diferenças entre os seres na coerência entre o que se fala e o que se faz que deva-se encontrar um ao outro, proporcionando uma humanidade típica de quem prima pelo afeto no ambiente.

A boa convivência e a afetividade devem está constantemente presente na vivência da criança, independente de sua origem, gênero ou classe social. Porém, ainda encontram-se resistência na valorização da mesma em sala de aula, visto que a escola ainda é fortemente influenciada por métodos que privilegiam o tradicionalismo que, com frequência desvalorizam a importância da vivência na formação do aluno.

Desta forma, o educando não precisa ser convidado a se manter imóvel numa carteira por horas, tornando-se mero expectador do processo de ensino-aprendizagem, prática adotada anteriormente na tendência tradicional de ensino, onde o mesmo seja visto como um depósito de conhecimentos, e o professor evita se envolver afetivamente com o aluno, pensando erroneamente que o excesso de aproximação com o este o leva a um excesso de confiança e ao extremo do fracasso do processo de aprendizagem.

O ambiente escolar em um todo age como um microsistema da sociedade, refletindo as transformações atuais bem como formando cidadãos críticos capazes de lidar com todo tipo de mudança rápida e de conflitos interpessoais, e principalmente se mantendo informados diante do mundo globalizado. Sobretudo, com cidadãos participativos e competentes para atuar tanto na vida social quanto privada, preparados para conviver com a diversidade e o conflito de ideias.

Desta maneira, as influências presentes nas relações do sujeito conseguem mesmo e com o outro, deve ser dinamizada. Para Delors (1998), entre os pilares necessários para a educação encontra-se a necessidade de conviver com os outros. Compreender o outro é desenvolver a percepção da interdependência, da não violência e acima de tudo, a administrar conflitos.

Neste aspecto, pode-se enfatizar que embora a escola enfrente diariamente problemas como a desvalorização profissional, o desemprego, a violência, a modificações das relações familiares e tantos outros, ainda continua sendo responsável em fornecer o conhecimento, auxiliando as pessoas para que possam

ter possibilidades e autonomia de participar efetivamente das políticas, continuando assim, a lutar por igualdade de direitos; e para que isso aconteça, faz-se necessário que a educação seja tratada como uma política social, uma política que tem como compromisso fundamental à garantia dos direitos do cidadão.

Diante disso, a estrutura física, ambiental, emocional, as relações interpessoais e de aprendizagens dos sujeitos que convivem na escola, são muito importantes para a qualidade de vida de todos que nela convivem. A partir da gestão, passando por funcionários, professores, alunos e famílias dos alunos, ou seja, a comunidade escolar.

[...] a criança aceita do adulto um certo número de ordens às quais deve submeter-se, quaisquer que sejam as circunstâncias (...). Mas à margem dessa moral, depois em oposição a ela, desenvolve-se pouco a pouco, uma moral da cooperação, que tem por princípio a solidariedade, que acentua a autonomia da consciência, (...) é em virtude de uma espécie de lógica interna que as formas evoluídas sucedem às formas primitivas (PIAGET, 1994, p. 250).

Mediante a afirmação, a moral da coação pode ser uma “ponte” para se aproximar da moral da cooperação, pois muitas vezes quando o indivíduo passa por injustiças e progressivamente entra em contato com grupos diferentes, atrai exemplos de acordos mútuos e os deseja para si. Independentemente dos tipos de personalidade dos alunos, é imprescindível que a relação seja permeada por muito diálogo.

Assim, cada tarefa deve vir acompanhada de explicações sobre sua importância e pertinência, fazendo com que o estudante compreenda seu propósito. Se surgirem desentendimentos, tem-se uma brecha para, mais uma vez, esclarecer finalidades e papéis. É preciso ter sempre em mente que o diálogo é a melhor resposta para os problemas em sala. O clima escolar é uma forma de perceber o ambiente, sua atmosfera, valores, atitudes e sentimentos com experiências por seus membros, correspondendo, também, às relações sociais e à relação com a aprendizagem e desenvolvimento intelectual.

É fundamental o bom relacionamento entre os alunos e o corpo docente, a relação entre os familiares e a escola também é responsável pelo melhor aproveitamento do ensino. Isso porque o processo de aprendizagem vai muito além da sala de aula e depende não apenas da escola, mas também da família.

Neste contexto, Claro (2013) explica que para se aproximar do clima escolar deve-se compreender, primeiramente, o clima humano. Compreender o

humano é percebê-lo como um ser que está situado em um lugar e em um momento dado, em sua cultura. O clima escolar emerge de toda a comunidade escolar e influencia todos os membros da mesma. O fenômeno do clima se dá desde a escola, passando pelo bairro, expressando questões de cultura do bairro. O autor define clima postulando não ser algo que está ali, mas sim uma percepção.

Entende-se, dessa forma, como fenômeno regular, uma continuidade das vivências que se dão em grupo. O clima é percebido em dimensões vivenciadas e entendidas. Há aquelas que são específicas e se constroem na escola, em cada realidade. Outras, em contextos sociais em que a criança está inserida. Para descobri-las deve-se questionar-se acerca do que, prioritariamente, dá sentido ao estar em grupo.

(...) relações entre escola, família e comunidade, compreendendo o respeito, a confiança e o apoio entre essas pessoas. Envolve o sentimento de ser parte integrante de um grupo que compartilha objetivos comuns. Abrange, ainda, a atuação da escola considerando as necessidades da comunidade (VINHA, 2015, p. 62).

Quanto às relações, a criança sente confiança em lidar com situações que a rodeiam; percebe que tem algo a oferecer ao próximo e sendo assim, a autoestima não é pretensão, é a aceitação da criança em ser quem ela é. Esta constrói sua autoimagem a partir das palavras, da linguagem corporal, das atitudes e dos julgamentos dos outros. Por isso é importante que os professores saibam que todas as crianças crescem se valorizando e gostando de si mesmas.

Portanto, família e escola devem trabalhar juntas, com o único objetivo de desenvolver na criança sua capacidade individual, onde a criança pequena aprende brincando, criando e recriando. Toda criança precisa de compreensão afetiva para atravessar o caminho da dependência para a independência e é importante fornecer todos os elementos básicos necessários para que elas aprendam a gostar de si próprias.

Todo sentimento que a criança sente em relação a si mesma afeta seu modo de viver, sua maneira de pensar, seu modo de agir. É a evolução intelectual humana, através das boas convivências com o outro e com quem vive. Esse fortalecimento do emocional por meio de uma responsabilidade afetiva é um passo grandioso na busca de resultados satisfatórios no processo educativo uma vez que quando se tem afeto, tudo flui de maneira mais positiva.

1.2 AFETIVIDADE NA ESCOLA: AMBIENTE DE RESPEITO E CONFIANÇA

Ao tratar-se do lado afetivo, o desenvolvimento do ser humano não está pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. Assim, a sala de aula é um grande laboratório para que se observe e questione os motivos que levam o convívio escolar do professor e aluno, muitas vezes, a ficar desgastado e sem estímulo. Sobretudo, precisa-se de ser trabalhada a afetividade no contexto escolar.

Diante disso, Corrêa (1995) ressalta que na arte especial de ensinar, métodos não bastam, pois é preciso interesse pelos alunos e muito afeto para temperar as relações em sala de aula e ajudar no desenvolvimento cultural e afetivo dos educandos. Desse modo, é muito importante que o professor tenha interesse em promover o envolvimento da turma, não só para melhorar a aprendizagem, mas também para manter uma boa relação com os mesmos. Conhecer o universo sociocultural do aluno é muito importante para que o trabalho do professor seja eficaz, e dessa forma, que ele possa proporcionar aos seus alunos maneiras diferentes de aprender com prazer.

O docente é o responsável por estabelecer uma mediação entre o aluno e o conhecimento de maneira atuante e prazerosa, pois é nessa relação que o aluno deve adquirir a maior gama de conhecimento de forma que possa aplicá-la na sua vida futura. Assim sendo, a relação de afetividade entre o aluno e o professor é muito relevante na construção do conhecimento e de seu desenvolvimento social.

Sabe-se que o ser humano tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado, contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. Neste sentido, a afetividade está intimamente ligada à construção da autoestima. Sua importância em toda relação é fundamental para os sujeitos envolvidos, tanto na escola, quanto em outros contextos em que os mesmos estiverem inseridos, para a construção de uma identidade afetiva, munida de harmonia.

[...] As crianças tornam-se capazes de investir afeto e ter sentimentos validados nelas mesmos. Neste aspecto, a autoestima mantém uma estreita relação com a motivação ou interesse da criança para aprender. O afeto é o princípio norteador da autoestima. Desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina tornam-se conquistas significativas para o autocontrole do aluno e seu bem-estar escolar. Percebe-se uma forte relação entre professor e aluno, influenciando na formação da autoestima. [...]. (SEBER, 1997, p.49).

Faz toda a diferença estabelecer uma relação de confiança com o aluno. Assim, os alunos têm mais disposição para aprender e os professores se sentem mais motivados para aprimorar seu processo didático. Comece, então, pela transparência. Deve haver clareza e transparência no estabelecimento dos critérios avaliativos e na apresentação do plano de aula. Assim os alunos saberão exatamente o que esperar em relação às notas e podem se organizar para as tarefas.

A relação entre professor e aluno, deve ser mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e respeito mútuo das diferentes ideias. Vale ressaltar que a tarefa de educar deveria ser para a maioria das famílias e professores, uma função tão natural quanto respirar ou andar. No entanto, educar apresenta em suas ações familiares e educacionais, e dentro de teorias consideradas ideais, uma complexa tarefa a ser desempenhada.

O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo que, desenvolvem-se paralelamente. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. O afeto apresenta várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, tristeza...) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas...). (OLIVEIRA, 1998, p.21),

Quanto ao lado humano de ser, saber ouvir alguém, pensar a respeito do que foi dito por essa pessoa, é uma forma de valorizar aquilo que ela falou, é a melhor maneira de iniciar um relacionamento; pois, todas as pessoas têm necessidade de ser ouvidas. Assim, quando se age desta maneira, caminha-se na direção de um diálogo franco, aberto, tendo oportunidade de descobrir o que a outra pessoa realmente quer.

Na atualidade, a maior dificuldade encontrada em sala de aula está relacionada à necessidade que os alunos têm de serem ouvidos, respeitados em suas ideias e como sujeitos construtores da história cultural. Logo, apresentam comportamentos diferenciados para serem notados e assim, conseguirem a atenção do outro, geralmente, do professor.

A afetividade influencia a forma com que os seres humanos resolvem conflitos de natureza moral. Pois a mente encontra-se sempre preparada para

enfrentar desafios. As relações de afeto são necessárias para os sujeitos. Libâneo (1990), diz que:

As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula faz parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos[...]. (LIBÂNEO, 1990, p. 139).

Desta maneira, busca-se pensar em uma escola que trabalhe o estado emocional de todos os profissionais de forma positiva, baseado em confiança, satisfação interna e respeito, para que desempenhem seu papel de forma prazerosa.

A escola, busca a todo o momento, mudanças para que possa melhorar a qualidade do ensino e, o professor em sua formação continuada tem contato com novas metodologias que sugerem o respeito pela produção do aluno, valorizando o que consegue fazer e incentivando o que pode vir a fazer.

Uma autoestima elevada baseia-se na convicção de que a criança tem de ser amada e valorizada, e que ela saiba que é importante justamente pela sua existência. De acordo com Briggs (2000, p.27) “A chave da paz interior e da vida feliz é a autoestima elevada, pois é ela que está por trás de todo relacionamento bem-sucedido com os outros”. Então por mais complexa que seja as relações entre aluno e professor, elas são peças fundamentais na realização de mudanças em nível educacional e comportamental a diferença entre emoção e afetividade, conceituando emoção como elemento mediador entre o orgânico e o psíquico.

Desta forma, Wallon (1992) defende que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. A qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento. E muitas vezes a relação entre ensinar e aprender inicia-se no ambiente familiar, na qual a base da relação é afetiva, e no decorrer do desenvolvimento os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem.

Necessariamente o professor deve rever as práticas pedagógicas que apenas preocupam-se com o conteúdo a ser trabalhado, avaliando somente o lado cognitivo, e com isso, desprezando o que o aluno tem a oferecer ou precisa

receber, que é a afetividade nesta relação, favorecendo assim, um melhor desempenho.

Evidencia-se que, alguns professores temem esta mudança de postura por considerar liberalismo sem repressão, despertando no aluno a rebeldia, agressividade por não referencial de limites, porém, o que se pretende não é tirar a autoridade pedagógica do professor, mas sim, o autoritarismo que faz da relação escolar, um momento de dor, medo e lembranças tristes.

Neste aspecto, Libâneo, (1990) afirma que “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula faz parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos”.

É indiscutível a importância de um ambiente escolar que favoreça a convivência harmoniosa entre seus sujeitos, seja para a promoção da aprendizagem, o principal objetivo da escola, seja para a formação do aluno de modo geral e o bem estar de todos os envolvidos no contexto. São situações sociais que devem ser utilizadas dia a dia.

Deste modo, Morales (2001) ressalta que a relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Mas é preciso ver a globalidade da relação professor-aluno mediante um modelo simples relacionado diretamente com a motivação, mas que necessariamente abarca tudo o que acontece na sala de aula e a necessidade de desenvolver atividades motivadoras. Então por mais complexa que seja as relações entre aluno e professor, elas são peças fundamentais para se chegar à afetividade, à compreensão e ao entendimento.

Desta forma, compreende-se a emoção como o primeiro forte vínculo da criança com o mundo, assim como uma forma de expressão adaptativa com o seu meio. Já a afetividade corresponde a um momento mais tardio do desenvolvimento, sendo este marcado por elementos subjetivos que moldam a qualidade das relações com sujeitos e objetos.

Mediante o exposto, pode-se dizer que a afetividade sinaliza a entrada da criança no universo simbólico, proporcionando também a origem da atividade cognitiva. Segundo ele, afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por sensações ligadas a

tonalidades agradáveis ou desagradáveis. Logo, ser afetado é reagir com atividades internas e afetivas que a situação desperta e motiva.

[...] cuidar é mais que um ato, é uma atitude, portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo. Por isso, é preciso cuidar da terra antes e depois da semente ser lançada, para que a planta possa crescer florescer e dar bons frutos. Por conseguinte, para a construção da autoestima é necessário buscar a responsabilidade e não a culpa, criar um clima de confiança que faça com que a pessoa sinta-se genuinamente aceita, compreendida e respeitada, sentimentos que ajudam a trabalhar núcleos emocionais que bloqueiam condutas inadequadas. Os educadores sabem que as crianças aprendem melhor quando estão satisfeitas com elas mesmas e que bons sentimentos são importantes. [...] Que maravilhoso seria se professores e alunos pudessem espelhar-se em fatos e pessoas positivas, que emanassem confiança, autonomia e sinceridade. (TIBA, 1999, p. 65)

É evidente que afetividade nas relações deve ser recíproca e permeada em valores verdadeiramente humanos. Ensinar e aprender são o estabelecimento de uma relação de causa e efeito, é produto da troca das informações e das experiências pessoais entre aprendiz e mestre. Nessa troca ninguém sai ileso e os resultados serão marcantes e especiais, na medida em que marcantes e especiais forem o empenho, a responsabilidade e as influências mútuas de quem ensina aprendendo e de quem aprende se educando.

A relação professor-aluno se deu através das demonstrações de carinho, afeto, diálogo. Conforme Almeida (1999, p. 103) “a sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam”. Enfim, em muitos aspectos importantes para criar um elo de amizade entre pessoas comuns. Tais aspectos sempre são mais intensificados durante as aulas com didáticas diferenciadas, metodologias adequadas de acordo com a faixa etária dos educandos, o lúdico sendo desenvolvidos por jogos e brincadeiras que ensinam a respeitar normas e regras, limites e espaços e principalmente o outro.

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional. (MIRANDA, 2008, p. 02)

Na busca da afetividade, da interação e comunicação, algumas relações que ultrapassaram as socializações profissionais e escolares. Os alunos vivem

em situações de aprendizagem, em um ambiente familiar que deve ser desenvolvimento físico ou emocional, ou estão na fase da pré-adolescência, adolescência. Nestas condições, precisa de diálogo, entendimento, cooperação, a busca pelo prazer, especialmente em ambientes que lhes trazem o novo, a descoberta do desconhecido. Como aborda Cortella (1999),

A busca do prazer e do gostar do que está fazendo integra prioritariamente o universo discente e o universo da criatividade. Assim, a criação e recriação do conhecimento na escola não estão apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas; ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está ensinando, ele interessa nisso também o aluno. Não necessariamente o aluno vai apaixonar-se por aquilo, mas aprender o gosto é parte fundamental para passar a gostar (CORTELLA, 1999, p. 128).

Dessa forma, a prática educativa na escola deve primar pelas relações de afeto e solidariedade proporcionando situações que dê prazer ao aluno de construir conhecimentos e de crescer junto com o outro, de forma afetiva, especialmente quando trata-se de ambientes diferenciados das grandes cidades ou centros urbanos, longe do acesso das tecnologias, por questões estruturais ou outras típicas das zonas rurais.

Mas é no relacionamento professor-aluno, que há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor, estando no lugar de quem deve ensinar, também aprende com a realidade de cada aluno, e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos também ensina e aprende mesmo sem intencionalidade, mesmo nas escolas do campo. .

A aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade. (GOLDANE, 2010, p.13).

Neste relacionamento entre educador e educando, o vínculo afetivo e de convivência favorável será um grande facilitador no processo de ensino aprendizagem; pois, pela criação de um forte vínculo de afeto e compreensão, o aluno não se sentirá sozinho, facilitando, assim, seu aprendizado. Certamente o clima criado será de prazer, acolhimento, alegria, companheirismo; ou seja,

prazerosamente o conteúdo será apresentado, as dificuldades serão percebidas e acolhidas como parte do processo, auxiliando-a, desta forma, na superação das dificuldades.

Neste sentido, Wallon (1992) defende que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Entretanto, a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, já trabalhado na família, na concepção da educação dos valores éticos e morais.

Portanto, muitas vezes a relação entre o ensinar e aprender inicia-se no ambiente familiar, na qual a base da relação é afetiva, e no decorrer do desenvolvimento os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, com a afetividade e a compreensão delineando o desenvolvimento intelectual, emocional e cognitivo.

1.3 RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIAS AFETIVAS ENTRE O PROFESSOR E ALUNO NA ESCOLA DO CAMPO

Está em evidências que a qualidade do convívio dos professores e alunos também nas escolas do campo, para a resolução dos conflitos dentro dos espaços escolares, considerando não só o ponto de vista deles, mas também dos alunos, é essencial para a harmonia na escola e a tranquilidade de todos os envolvidos no contexto.

Percebe-se também que convívio nas escolas, tanto no que diz respeito aos conflitos mal resolvidos, como em relação à sua percepção sobre o funcionamento da instituição, a organização do estabelecimento, a aplicação e o cumprimento das regras, a qualidade das relações interpessoais, e, ainda, de suas crenças acerca das causas e estratégias para a resolução dos conflitos, precisam ter um olhar diferenciado. Ademais, Freire (2004), aborda que,

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos. (FREIRE, 2004, p. 68)

Para tanto, algumas considerações teóricas e reflexões sobre a questão “do processo de crescerem juntos” a partir de vivências, sobre o lugar da afetividade na relação com o outro nos processos de ensino e de aprendizagem, precisa ser revista. Os educador, devem estar constantemente advertidos com relação a este respeito que implica igualmente ao respeito à autonomia e à dignidade de cada um e que é um imperativo ético e não um favor que se deve ou não conceder uns aos outros.

Assim, Freire (1996, p. 59) diz que “a escola é feita de momentos, sendo que a forma que ela assume em cada situação é sempre o resultado provisório do movimento permanente de transformação, pressupondo tensões, conflitos, esperanças e busca por propostas alternativas”. Desta forma, a afetividade pode ser conceituada como algo diretamente ligada ao domínio das emoções e dos sentimentos que estão envolvidos nestas emoções; e, principalmente, da maneira como o sujeito relaciona-se com estes sentimentos, isto quando se refere ao convívio humano e a forma como estes se expressam.

É, também afetar e deixar-se ser afetado pelo outro, na medida em que se há impulsão para a ação. Desta forma, ao buscar significados para conceituar afetividade encontra-se diferentes formas de escrever; porém, todos os conceitos convergem para os sentimentos envolvidos nas relações que estabelece-se com outrem.

Neste contexto, Vinha (1999, p. 81), com base nos estudos de Piaget, acredita que “os conflitos são ótimas oportunidades para trabalharmos valores e regras”. São compreendidos como momentos presentes no cotidiano de cada sala de aula ou escola e que “dão pistas” sobre o que os alunos precisam aprender.

Dessa forma, as desavenças são encaradas como positivas e necessárias, mesmo que desgastantes, onde os conflitos são intermediados por momentos de compreensão e afetividade, de uma forma diferenciada.

Quando a criança não é tratada com afeto e carinho, ela não culpa os adultos por tal atitude, mas a si mesmo. Assim, o olhar que se direciona para si e para o outro transcende a corriqueira forma racional de conceber aos seres e os saberes, pois como cometam Davis e Oliveira (1994),

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções de outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como uma energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. (DAVIS E OLIVEIRA, 1994, P.83-84)

Nesse contexto, o professor que compreende o valor da afetividade nas relações de aprendizagem, tem maiores possibilidades de tornar-se inesquecível aos seus alunos, seja pelos saberes que professa, seja pelo exemplo que é. Logo, a prática pedagógica ganha com essa forma sábia de conceber o ato educativo.

No processo que envolve situações de ensino e aprendizagem, a relação professor aluno envolve uma interação humana que não é imóvel, que se movimenta, que continuamente transforma, na qual as manifestações do aprender e da afetividade são características constantes e importantes que podem refletir tanto o êxito ou o fracasso do aluno e também do professor. Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, da amizade, do companheirismo e do diálogo estabelecido entre o professor e o aluno, da relação empática entre ambos.

Como aborda Wallon (2007), os sentimentos correspondem à expressão representacional da afetividade, não implicando em reações diretas e instantâneas como nas emoções; opõem-se ao arrebatamento, tendem a reprimir e impor controle para quebrar sua potência. Os sentimentos são manifestações mais evoluídas e aparecem mais tarde na criança quando se inicia as representações. Quando adultos os indivíduos tem maiores recursos de expressão porque primeiro observam, refletem antes de agir, sabem onde, como e quando se expressar.

A relação entre professor e aluno deve ser sempre baseada no diálogo e respeito à ideia um do outro, ouvir e falar como condição da compreensão e entendimento para que ambos cresçam e possam fazer sua reflexão sobre o que pensam e dizem. Nesta relação é muito importante que o professor conheça a realidade e as experiências existenciais de seus educandos.

É preciso conhecer este sujeito e também desprender olhares totalizantes sobre a realidade, ter o olhar atento sobre os educandos, saber sobre eles e sobre

seus processos de aprender. Para educar deve haver uma relação bem mais elevada entre professor e aluno.

Não basta somente o professor ter a tarefa de ajudar o aluno aprender, pura e simplesmente. É preciso uma relação de sujeitos que se envolvem e que se doam: o aluno no ato de querer aprender por consciência e motivação e o professor pelo ato de ensinar-aprender e aprender de forma consciente e humana – ver e conhecer o aluno como humano – saber do seu potencial, de suas dificuldades e fraquezas, e acreditar que é possível conhecer, saber fazer, conviver e ser. (DELORS, 1998).

Positivamente, a afetividade e inteligência apesar de terem funções definidas e diferentes, são inseparáveis na evolução psíquica, e entre o aspecto cognitivo e afetivo existe oposição e complementariedade. Dependendo da atividade há a preponderância do afetivo ou do cognitivo, não se tratando de exclusão, mas de alternância.

Há evidências que nas relações a todo tempo se evidenciam conflitos e oposições ou diálogos de interações. Wallon (2007) ainda destacou o conflito eu-outro, característico da fase do personalismo (aproximadamente dos 3 aos 6 anos) e da adolescência, onde o conflito emocional estimula o desenvolvimento, pois resolvê-lo implica manter o equilíbrio entre razão e emoção, o que levará a um maior amadurecimento tanto da afetividade quanto da inteligência.

É evidente que a afetividade, as emoções, o comportamento, o sentimento, o caráter e a personalidade do educando são construídos coletivamente por seus pares no âmbito escolar. Chamar a atenção para os valores humanos fez-se importante, justamente porque se tem deixado de lado estes parâmetros que regem a convivência harmônica.

É importante compreender que resgatar e ensinar os valores éticos e morais, questões importantes na educação, pode tornar o ambiente escolar mais agradável e harmonioso, visando a qualidade de vida e bem estar de todos os envolvidos no processo educacional, com um resultado positivo para o desenvolvimento integral.

Para Vasconcellos, (2009, p.173) “O ensino se dá sempre em condições concretas, sendo necessário, portanto, analisar o contexto em que está inserido. Buscamos um currículo que tem por base os sujeitos, seus tempos de vida, suas necessidades, desejos, projetos”. O currículo deve ser pensado partindo das

experiências existenciais dos educandos, tornando as aulas mais vivas e atrativas, cheias de motivos.

Para tanto, há uma grande dificuldade em transformar a visão de currículo como simplesmente um rol de conteúdos a serem repassados aos alunos, e visualizá-lo como algo “vivo”, em que aluno e professor possam juntos, construí-lo a partir de sua realidade, com comprometimento, responsabilidade, dedicação, sempre visando o lado cultural, social e desenvolvimento integral.

[...] um dos grandes desafios que encontramos hoje quando buscamos a transformação do currículo é a descrença do professor na viabilidade de mudança: por não vislumbrar possibilidade (dimensão cognitiva), acaba diminuindo o desejo de fazer, não se envolvendo no processo de mudança (dimensão afetiva). (VASCONCELLOS, 2009, p.65).

Assim, quanto ao sentimento de incapacidade ou de descrença que rodeiam o professor, o autor também nos faz pensar nas vezes em que o aluno não se sente capaz ou quando está desestimulado; e, portanto, se sente indisposto a aprender, acha que não é capaz ou que não irá conseguir por não ter condições de aprender.

Diante disso, a afetividade deve está totalmente inserida no ambiente escolar e não é menos importante que a educação do corpo e da mente. Pois se sabe que as interações afetivas existentes entre professor e aluno são de suma importância para o desenvolvimento e construção do conhecimento.

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimento e deixa marcas para toda vida. Percebe-se que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno. O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização. (PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p.14)

Em uma relação de confiança, o professor sente-se tranquilo quando o aluno percebe que ele também não sabe tudo, que também precisa buscar as respostas e que comete erros e, principalmente, que o aluno aprendendo junto, sente-se mais valorizado. Desta forma, a relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender, o diálogo entre professor e aluno, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto, o saber escutar e dizer, configuram-se como elementos fundamentais para a aprendizagem.

Para tanto, o professor precisa ter um olhar sensível, afetuoso e voltado à realidade de seu aluno, fazê-lo motivado e disposto a fazer parte deste movimento de ensinar e de aprender. Deixá-lo entusiasmado e entusiasmar-se com este processo. Pois, normalmente, pessoas envolvidas afetivamente, entusiasmadas, se dedicam com comprometimento, responsabilidade e querem fazer a diferença em sala de aula, proporcionando que o verdadeiro apreender e aprender aconteça de forma consistente e significativa. Neste sentido, Freire (2000), afirma que,

Não é possível separar a convivência do conflito, pois o conflito é natural e inevitável à existência humana, não se deve negá-lo e sim enfrentá-lo de forma positiva, pois estes podem gerar o debate com base crítica pedagógica visando a formação de valores. Se os conflitos forem enfrentados por vias positivas, democráticas e não violentas, se revelarão estratégicos para o desenvolvimento do indivíduo em formação. [...] Desta forma o conflito não deverá ser ignorado, nem ocultado, mas ser encarado como uma oportunidade para se ensinar valores como justiça, cooperação, solidariedade, autonomia pessoal e coletiva, respeito, e, ao mesmo tempo, questionar valores contrários, como a discriminação, a intolerância, racismo, indiferença, conformismo, a ausência de solidariedade e respeito (FREIRE, 2000).

É importante fazer-se uma distinção entre conflito e violência porque, quando fala-se em violência, vem à mente um conflito negativo, não desejado e conseqüentemente algo a ser evitado. Na sociedade, conflito é considerado contrário ao bom funcionamento do sistema social; e, conflito e violência são entendidos como sinônimos, quando na verdade a violência é um dos meios usados muitas vezes para resolver o conflito. A violência é um meio, e o conflito é um estado. E são eventos que também surgem no ambiente escolar campestre, na zona rural, devendo os professores intermediarem com diálogo e boa convivência no âmbito educacional.

É importante destacar que agressão é diferente de agressividade. A agressão é um ato, enquanto a agressividade refere-se a uma tendência ou uma disposição que faz parte da conduta humana, não negativa em si mesma, mas necessária como força para a autoafirmação física e psíquica, especialmente configurada pelos processos culturais de socialização. Mas no contexto social educacional, as armas para serem trabalhados esses casos, estão no subjetivo, sem presença curricular. Aliás, o que vem de dentro de forma positiva, faz bem e nem sempre pode ser escrito.

2 REFLEXÃO SOBRE A CONVIVÊNCIA ESCOLAR NA ESCOLA DO CAMPO

2.1 PROFESSOR E ALUNO: A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO

Entende-se que cada ser humano, ao longo de sua existência, constrói um modo de relacionar-se com o outro, baseado em suas vivências e experiências. Dessa forma, o comportamento diante do outro depende da natureza biológica, bem como da cultura que o constituiu enquanto sujeito. Nessa perspectiva, é de fundamental importância entender que a sala de aula é um espaço de convivências e relações heterogêneas em ideias, crenças e valores.

A relação do professor com seus alunos é de fundamental importância para a educação, pois a partir da forma de agir do mestre é que o aprendiz se sentirá mais receptivo à matéria. A reciprocidade, simpatia e respeito entre professor e aluno proporcionam um trabalho construtivo, em que o educando é tratado como pessoa e não como número, ou seja, mais um. Buscando um melhor relacionamento, o professor será tratado com respeito e como educador, dando oportunidade ao diálogo.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

Este é o reforço da ideia de que os professores, quando buscam aprofundar seus conhecimentos sobre a importância da afetividade na escola, estão, na verdade, procurando entender tanto de seres humanos, quanto de conteúdos e técnicas educativas, trabalhando outros aspectos necessários ao desenvolvimento humano.

O professor, por vezes, usa outras expressões para com os alunos, a fim de deixar transparecer que quem está à frente nem sempre tem controle sobre a situação, atitudes e sentimentos. Para tanto, há elementos fundamentais para o ato de ensinar, que consiste no processo, a matéria, o aluno e o professor, sendo esse último o fator decisivo na aprendizagem, levando em conta a influência que exerce sobre a classe para ministrar as aulas.

Na realidade, o professor tem que estar sempre aberto às novas experiências, aos sentimentos e aos problemas de seus alunos. É claro que a responsabilidade da aprendizagem está ligada ao aluno, mas essa deve ser facilitada pelo professor levando o aluno à auto realização. Freire (2004) enfatiza que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2004, p. 91).

Nesta circunstância, o professor deve compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas. Sobretudo, maiores avanços estará conquistando em relação aos alunos, a modo de tornar-se mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o docente atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humano em sua prática docente.

A ação pedagógica do professor e do aluno precisa voltar-se para uma prática histórica real. Freire (2000), afirma que o educador e o educando são sujeitos do processo educativo, ambos crescem juntos nessa perspectiva. O professor e o aluno trabalham procurando desmistificar a cultura dominante. Dessa forma, à medida que os alunos participam do processo de construção do conhecimento, mais críticas se tornarão suas consciências e mais crescimento ocorrem.

A possibilidade da relação professor-aluno tem sido uma das principais preocupações do contexto escolar. Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção ao diálogo, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar. Daí a importância de estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam a escola.

Desta forma, pode-se perceber que é sempre necessário rever alguns aspectos da realidade atual da escola, no sentido de propiciar condições favoráveis, que possibilitem o interesse de professores e alunos, para que

constantemente pensem sobre essa realidade. Dessa forma, pode-se conquistar o reconhecimento e a valorização de suas ações, por parte de toda a comunidade escolar e civil.

Percebe-se que as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores, têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes e conhecimentos diversos. Acredita-se que uma das tarefas das equipes pedagógicas de qualquer escola, é a criação de estratégias eficazes, no sentido de promover uma formação continuada, a qual possibilite uma relação pedagógica significativa e responsável entre professores e alunos, garantindo a todos a melhoria no processo ensino aprendizagem.

Para Piaget (1992), ainda que o afeto seja uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo, e que a afetividade influencia no conhecimento construído de forma essencial através da pulsão de vida e da busca pela excelência. A afetividade influencia o processo de aprendizagem, facilitando-a, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias e experiências, expressando opiniões e criando situações a serem utilizadas em sala de aula.

O professor como agente direto da educação, deve ser uma pessoa emocionalmente e psicologicamente controlada. É preciso preservar as relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e professores, pois são de grande valor na educação, já que a afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida.

Sabendo-se que as dificuldades afetivas provocam adaptações sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual. Conforme Pimentel (1967), a afetividade é quem direciona todos os nossos atos. Ela é na verdade, o elemento que mais influencia na formação do nosso caráter. Por isso, é importante que, na relação entre professor aluno, sejam levados em consideração tanto os aspectos cognitivos quanto os aspectos afetivos desta relação para melhor resultado educacional.

O relacionamento baseado na afetividade torna-se um elo produtivo, alicerçando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação menos conflitante, permitindo o conhecimento entre as partes envolvidas,

favorecendo o conhecimento e a descoberta como seres humanos oportunizando desta forma o crescimento mútuo.

Diante disso, o professor deve criar uma situação de comunicação entre os alunos com um propósito educativo, buscando meios e caminhos, de acordo com o que a situação e a classe pedem; ele intervém pouco, muito ou nada, colocando os alunos como sujeitos de sua própria reflexão, utilizando-se da curiosidade natural.

Desde o nascimento, o ser humano passa por processos de interação social, gerando assim a comunicação, da simples até a mais complexa. Esta que é realizada e influenciada através do relacionamento com outras pessoas. E todo o processo de comunicação tem o compreender e o se fazer compreendido, porém todo ser humano possui sua individualidade, culturas e etnias diferentes e experiências diversificadas, nesse sentido verifica-se que a comunicação não é objetiva (SILVA, 2007).

Dessa forma, cabe ao professor aprender que para exercer sua real função necessita-se combinar autoridade, respeito e afetividade; isto é, ainda que o docente necessite atender um aluno em particular, a ação estará direcionada para a atividade de todos os alunos em torno dos mesmos objetivos e do conteúdo da aula. Ressalta-se a atuação de alguns professores não como modelo inquestionável de docência, mas como fonte de inspiração para buscar um novo e melhor caminho para alcançar os alunos e ter o prazer de um trabalho bem executado.

Portanto, o incentivo do professor é parte fundamental no aprendizado, o mesmo agirá como mediador, sendo o conhecimento construído em aula, e fora dela. Cabe a ele, saber desafiar seus alunos à pesquisa, à investigação, para que assim o próprio se dê conta de quão agradável pode ser o seu aprendizado.

2.2 A ÉTICA E O CONVÍVIO ESCOLAR

Considerando ainda a importância da escola como mais um dos espaços que exerce grande influência e contribui para a formação integral dos alunos, Educadores de todas as esferas da educação enfrentam o grande desafio para lidar com a indisciplina no contexto escolar, tanto em escolas públicas quanto nas particulares. A temática é ampla e requer o engajamento de todos para o desenvolvimento de ações que possibilitem minimizar ou sanar o problema.

A vida em sociedade pressupõe a criação de regras e valores que norteie as relações sociais, bem como favoreça o diálogo, a cooperação e a multiplicação dos valores apreendidos, que serão compartilhados por um mesmo grupo social. A escola por sua vez, necessita de normas e regras como parâmetros que facilitem a convivência entre grupos heterogêneos. Sob essa ótica as regras deixam de ser vistas como prescrições aniquiladoras, mas sim como necessárias para o bom convívio social.

Mediante essa questão, Freire (1996) salienta a importância do ser humano ter ética em suas ações cotidianas. Por isso, dá extrema importância ao ato de educar eticamente, ou seja, educar respeitando a natureza do ser humano, a natureza do educando. Respeitar o conteúdo que traz o discente ao iniciar o ano letivo, respeitar a diversidade cultural presente em sala de aula, e só assim a escola será capaz de educar cidadãos éticos em suas atitudes.

Nos dias atuais, em pleno terceiro milênio, a falta de ética na sociedade é um dos grandes entraves para que as relações profissionais e pessoais fluam dentro de uma perspectiva civilizada e aceitável. É necessário a inclusão da ética no dia-a-dia da escola, a fim de conscientizar as crianças, que todo indivíduo tem plena liberdade de decisão e de ação, desde que estas não interfiram nos direitos de outras pessoas. Acredita-se que assim, a mentalidade social possa ser mudada de forma a garantir, em um futuro próximo, uma sociedade formada por cidadãos conscientes e pautada por um verdadeiro espírito de ética e humanidade.

Conforme Pedro (2014, p.485) “[...] o termo ética deriva do grego *ethos*, [...] que significa comportamento, costumes, hábito, caráter, modo de ser de uma pessoa, enquanto a palavra moral, que deriva do latim *mos*, (plural *mores*), se refere a costumes, normas e leis”.

Assim, a ética é a parte da filosofia que discute os sistemas pessoais e culturais de valores. Ela se preocupa em encontrar um fim legítimo para as motivações e atitudes humanas, procurando discernir noções de certo e errado, bom e mau. Ela é a investigação geral sobre aquilo que é bom, e tem por objetivo facilitar a realização das pessoas.

Segundo Chauí (2002), a ética nasce da compreensão do caráter de cada pessoa, ou seja, do senso da consciência moral próprio de cada indivíduo. Porém, faz coro com Sócrates ao defender que nosso sentimento, nossa conduta, nossas ações e nossos comportamentos são modulados pelas condições que vive-se a

família, classe e grupo social, escola; ou seja, afirma que todos são formados pelos costumes da sociedade, que educa para o respeito e reprodução de valores propostos por ela, como obrigações e deveres.

A escola, pela sua dinâmica e organização, se constitui numa prática social complexa, permeada de conflitos de valores e posturas éticas, sendo necessário, portanto, incitar reflexões sobre o tipo de educação que se deve propor para as novas gerações, principalmente na era da tecnologia.

Para o desenvolvimento de um trabalho que promova a apreensão de regras de valores, ou ainda mudanças comportamentais que possam garantir o estabelecimento de relações permeadas pela fundamentação ética, é importante que o educador desenvolva um projeto com metas e prazos pré-estabelecidos, porém com flexibilidade para rever ou reajustar de acordo com as necessidades que forem surgindo. Para Rego (1996 p. 86), “[...] a escola, por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam”.

De acordo com Rego (1996), a intenção é a de que o professor possa por meio de distintos portadores, abordar a temática em questão, a fim de promover discussões que levem o aluno a repensar suas atitudes cotidianas e assim reverter sua postura diante do outro ou de uma determinada situação ou algo que possa acontecer.

Diante da situação, os desafios vividos diariamente, sobretudo nas relações em sala de aula, conduzem a reflexões sobre diversos ângulos no ambiente escolar. Entretanto, considerando-se os valores morais, a ética que estabelecem os limites, uma vez que saber conter-se, limitar-se em determinados ambientes interfere diretamente na qualidade das relações interpessoais e, conseqüentemente, no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

[...]A relação que os pais mantêm com seus filhos é fundamental para o desenvolvimento da criança. Se a criança se desenvolve sem o estabelecimento de limites, ela apresentará dificuldades em algumas situações. Alguns problemas de comportamento e indisciplina escolar podem ser desenvolvidos em decorrência disso. (TEIXEIRA, 2011, p.2)

Considera-se que a família, a escola e a sociedade sejam as instituições básicas, como também é preciso a importância dos pais na formação de seus filhos em relação aos valores morais e a ética como princípios necessários para a

aprendizagem dos limites necessários na convivência diária com diferentes pessoas e em diferentes lugares, na sociedade.

De acordo com Vásquez (1993, p. 196), sobre a família, “[...] nela se realiza o princípio da propagação da espécie”, onde o processo de educação do indivíduo nos seus primeiros anos de vida acontece, assim como sua formação da personalidade, assumindo grande importância do ponto de vista moral, pessoal e educacional. Embora a família, a escola e a sociedade sejam a base de formação do educando, é importante ressaltar a participação efetiva dos pais na formação do caráter de seus filhos e também de sua personalidade.

Assim, [...] o primeiro grupo social do qual fazem parte e recebem influências significativas é a família, principalmente na infância e na adolescência. Compreende-se que é no ambiente familiar que a criança e o adolescente aprendem a lidar com os conflitos, a expressar ideias, a exprimir os diferentes sentimentos presentes nas relações interpessoais e é onde ele aprende a lidar com as diversidades da vida (DESSEN; POLONIA, 2007).

A importância da família para a formação integral de seus alunos é inegável. No entanto é necessário destacar que, a formação de valores morais e éticos não deve ser delegada apenas para a família, pois as escolas ensinam os valores morais e éticos no método que utilizam para ensinar, na forma, na postura dos professores, na condução de suas aulas e no tratamento que dão aos seus alunos. Dito de outro modo, a escola não trabalha as questões da ética e da moral com aulas sobre esta temática, nem tampouco com uma disciplina, mas sim em seu método. Esse papel é da família, dos pais.

Assim, a moralidade é parte constituinte das diversas culturas e está presente em diferentes níveis, no comportamento de cada pessoa, nas relações com o outro e com o mundo que o cerca. Respeitar o outro é um valor moral básico; o outro tem dignidade, e esta precisa ser respeitada. Pois, caso isso não ocorra, as relações são prejudicadas e a ética não prevalece.

[...] a família por ser a forma mais elementar e mais primitiva de comunidade humana, foi chamada de célula social. Nela se realiza o princípio da propagação da espécie e se desenvolve em grande parte, o processo de educação do indivíduo nos seus primeiros anos, assim como a formação de sua personalidade. Por tudo isto assume grande importância do ponto de vista moral. (VÁZQUEZ, 1993, p.196)

Atualmente, na sociedade em que se vive, bem pouco é pensado ou construído sem estar pautado em valores morais e éticos e estes são expressos na capacidade que o indivíduo tem de limitar a sua conduta em suas relações interpessoais. Percebe-se hoje, uma grande dificuldade de se estabelecer limites na escola, e isto é um fator de grande preocupação para pais e educadores.

É preciso sentir necessidade de seguir modelos onde as coerências de ações se fazem presentes, como a união e respeito na família, parceria e respeito na escola onde tem a oportunidade de viver experiências que o levam a construir seus valores morais, situação de respeito mutuo, de justiça de cooperação e um olhar diferenciado às diversidades.

O ambiente escolar, como um espaço de relações humanas permanentes, tem como função promover mudança social, devendo assim, incorporar valores e alimentá-los. As atividades educativas devem ser construídas apoiadas nos valores básicos de relacionamentos. Entende-se que valores morais e éticos não estão fora da escola, e sim dentro do ambiente escolar e precisam estar presente em ações preventivas, nas práticas pedagógicas, em todos os segmentos de maneira preventiva e contínua, pois estão presentes em inúmeras situações vivenciadas no ambiente escolar e servem de base para o desenvolvimento integral do aluno.

[...]A afetividade determina a evolução completa do ser humano, desde a vida intrauterina à maturidade. A inteligência tem sua base estrutural na afetividade. [...]Há uma inteligência emocional. A capacidade de aprender, a memória, as percepções são condicionadas pela afetividade. As motivações existenciais que desenham nossa trajetória na vida são de natureza emocional. [...] (TORO, 1999, p. 13).

Mediante isso, a escola, por sua vez, que possui como papel fundamental na educação a conquista do pleno desenvolvimento da pessoa humana, se preocupar apenas com o aspecto cognitivo, que por ora sempre foi a grande preocupação da família e da escola, mas é necessário atentar com o ser humano de forma integral.

Todavia, a educação tem que despertar em cada pessoa a consciência de sua própria dignidade e sua capacidade de exercer a cidadania. É o instrumento que transforma a pessoa, tornando-a responsável pelo seu próprio progresso e pelo bem da comunidade. Através da educação se constrói os espaços de convivência durante toda uma vida. Uma boa ou má educação é o resultado do tipo de família, escola, igreja, trabalho, sociedade e meios de comunicação que

possuímos. Mesmo que seja um processo que dure a vida toda, a escola tem um papel fundamental no aprendizado.

2.3 CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR CAMPESINO

O ambiente escolar precisa ser planejado e tudo o que condiz à escola, deve ser executado e avaliado com a participação dos sujeitos que a demandam, principalmente com as populações camponesas. Pode-se resumir os princípios na escola, campo e sociedade. Isto é, iniciar e seguir um projeto de escola que seja articulado com um projeto de campo e de sociedade, de acordo com o que esta exige.

A partir da compreensão do campo como um modo de vida social e resgatando a formação do povo brasileiro, é possível resgatar e afirmar a identidade dos povos do campo, bem como suas lutas e organizações, podendo, assim, entender e construir as escolas dos povos do campo. É preciso conhecer, reconhecer, resgatar, respeitar e afirmar a diversidade sociocultural dos povos que vivem/ ou habitam no campo e do campo.

São normas, a educação do campo de qualidade, que constitui um direito dos povos do campo; a educação do campo e o respeito às organizações sociais e o conhecimento por elas produzido; a educação do Campo no campo; a educação do campo enquanto produção de cultura; a educação do campo na formação dos sujeitos; a educação do campo como formação humana para o desenvolvimento sustentável; a educação do campo e o respeito às características do campo.

Diante disso, o marco da inserção da educação do campo na agenda política e na política educacional está indicado a partir da LDB 9394/96, ao afirmar, em seu artigo 28, a possibilidade de adequação curricular e metodologias apropriadas ao meio rural; flexibilizar a organização escolar, com adequação do calendário escolar. Na sequência, houve a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, destacando que:

Propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso do avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (BRASIL, 2001, p. 25)

Dessa forma, é possível afirmar que a educação do campo é composta pelos sujeitos coletivos que trabalham com a educação do campo e que dela se aproximam, vivem e convivem.

Mediante essa questão, embora a concepção de educação do campo venha se fortalecendo e desenvolvendo, vale destacar que a situação pedagógica e de infraestrutura nas escolas públicas ainda é bastante precária. Por um lado, em muitos estados as escolas passaram por um processo de nucleação de política municipal e ou estadual de fechamento de escolas e abertura ou fortalecimento de escolas localizadas numa área central, entre bairros ou vilas rurais. Mas o professor é quem direciona, com a afetividade e bom relacionamento e diálogo. A escola é um ambiente que deve prevalecer uma boa comunicação.

Na educação do campo, os professores nem sempre têm formação escolar superior para atuar no magistério e poucos têm acesso a bibliotecas ou materiais didáticos para desenvolver um trabalho pedagógico que vá ao encontro da educação do campo. É preciso atentar para as necessidades de quem vive e estuda na região das zonas rurais, com suas necessidades e peculiaridades.

[...]A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica, a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. (FREIRE, 1999, p. 153)

É importante destacar que existem professores que buscam uma prática pedagógica diferenciada, de modo a articular os conteúdos escolares com assuntos ou experiências do cotidiano dos alunos. Embora nem sempre os professores conheçam a realidade do campo no Brasil, é necessário ressaltar que se esforçam para que o ensino tenha sentido sociocultural para os povos do campo.

É nessa perspectiva que discute-se a prática pedagógica nas escolas da zona rural. Souza (2006) afirma que a prática pedagógica, entendida como uma dimensão da prática social, é gerada no estabelecimento de relação entre os conhecimentos do processo de formação inicial dos profissionais da educação e os conhecimentos adquiridos no conjunto das ações desenvolvidas no mundo da escola e da política local de educação. É desse modo que menciona-se práticas

pedagógicas que se identificam com o posicionamento dos movimentos sociais quanto à educação do campo e práticas que favoreçam o aprendizado e a comunicação entre o professor e aluno, levando à criticidade.

[...] desenvolver a capacidade de criticar a realidade em que vive... sendo o papel do professor desenvolver o espírito crítico de seus alunos, fazendo-o analisar como sujeito da própria proposta educativa, aperfeiçoando-o para atuar no sentido de reflexão constante: o que é melhor para mim no contexto em que vivo? (LUCKESI, 1991, p.54)

Mediante essa questão, a relação professor-aluno se deu através das demonstrações de carinho, afeto, diálogo, enfim, em muitos aspectos importantes para criar um elo de amizade entre pessoas comuns. O ser humano é social por natureza. Vive-se em sociedade, faz-se parte e forma-se grupos com pessoas das mais diversificadas crenças, origens e personalidades.

Neste aspecto, é por esse convívio no decorrer da vida, que experimenta-se situações que constroem ou enaltecem, causam decepções, aprende-se com erros e acertos e, através de comparações, consegue-se construir a personalidade e interagir com o universo. É a aprendizagem e o desenvolvimento humano que flui e faz transformar o sujeito.

Ser professor e ser aluno extrapola a relação do ensinar e aprender os conteúdos de ensino, mas envolve uma absorção de aprendizagens valorativas muito intensas. O importante é que haja consciência deste processo, para que os protagonistas do processo pedagógico não sejam manipulados por ideias que nem sempre gostariam de servir. O professor e o aluno não podem ser engolidos pelo ritual escolar. Precisam ser sujeitos conscientes definidores deste ritual. (CUNHA, 1990, p. 112),

Desta forma, toda a ação pedagógica tem consequências individuais e sociais na condução do processo ensino-aprendizagem. Isto implica a um tipo de educação que valoriza o conteúdo de ensino, somente consequências individuais e, por conseguinte, a comunicação entre o professor e o aluno se dá numa única direção.

Diante disso, a experiência no cotidiano de sala de aula, na função de professor, mostra que por mais que estes procurem ser compreensivos e tratem os alunos utilizando-se da psicologia educacional, considerando as diferenças individuais, as relações sociais na escola, em sala de aula ou fora dela, nunca são perfeitamente harmoniosas e precisam ser revistas..

Por isso, é fundamental, ao professor, reconhecer o seu compromisso com o educando no sentido de não se restringir o seu trabalho docente apenas aos conteúdos técnicos escolares, mas estendê-los aos conteúdos sócio-políticos. Isto implica uma revisão de prática pedagógica, pois, para tornarem-se participantes desse processo, docente e aluno devem compreender sua realidade e suas experiências, organizando reflexivamente o seu pensamento e agindo de maneira diferente para o crescimento integral.

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e [...]O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua própria palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer [...] É preciso que quem tenha o que dizer saiba que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado[...] (FREIRE, 1999, p. 131).

A partir dessas afirmações, o autor mostra que o aluno deixará de ser considerado um simples objeto e passará a ser sujeito da sua história; e o professor não será mais considerado o centro deste processo, mas aquele que propõe atividades criadoras que contribuirão para a formação do aluno. Nesta perspectiva, a comunicação efetivar-se-á dentro de uma consciência crítica entre professores e alunos.

Segundo Paulo Freire, só se chegará a esta consciência crítica através do diálogo crítico, da fala e da consciência. Ressaltam-se, então, dentro de uma comunicação participativa, fatores que interferem na relação professor-aluno na sala de aula no sentido da busca de opções pedagógicas para a conquista da produção de um saber participativo.

Contudo, “Os professores são os principais agentes de inovação educacional. Sem eles nenhuma mudança persiste, nenhuma transformação é possível” (MELLO, 1982, p. 119). Como agente de transformação, os professores devem estar atualizados inclusive nos aspectos psicopedagógicos, trazendo para o contexto da sala de aula uma metodologia que possa estar auxiliando na aprendizagem dos seus alunos e ao mesmo tempo inibindo o fracasso escolar. Como profissionais críticos e atuantes na área de ensino, os professores observam

que, atualmente, impera um total descaso pelo ato de lecionar e aprender. Precisa-se de diálogo e afinidades com afetividades.

Portanto, o professor é um agente de transformação, principalmente em situações que exigem um posicionamento firme e precisa de sua parte. Sobretudo, não apenas na sala de aula, mas na sociedade, no ambiente escolar ou como referência na comunidade e estar atento às discussões no que se refere ao mundo à sua volta. É importante, participar de grupos de conhecimentos, incentivar seus alunos a buscarem sempre a conhecer mais, com empatia, diálogo e afeto.

3 BENEFÍCIOS DA CONVIVÊNCIA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR DO CAMPO: ANÁLISE NA EMEF “SÃO JOSÉ” NO MUNICÍPIO DE JACAREACANGA/PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A instituição de educação básica EMEIF São José localiza-se no bairro Comunidade São José, em Jacareacanga – Pará, e oferece aulas de Educação infantil, Ensino fundamental I, Ensino fundamental II, distribuídos nos turnos Matutino e Vespertino, com um quadro de professores, que atendem a todas etapas do Ensino Fundamental.

Atualmente funciona com setenta alunos, um efetivo de quatro professores, duas serventes e uma merendeira. Conta com quatro salas de aulas, uma cozinha, dois banheiros, uma dispensa, uma diretoria, uma biblioteca, uma secretaria e um laboratório de informática. A educação na escola citada segue as diretrizes da LDB- 9394/96 e prima pelo desenvolvimento integral, preparando o educando para a vida em sociedade.

3.2 METODOLÓGICOS

O presente estudo, que abordou os benefícios da convivência entre professores e alunos no ambiente escolar do campo, adotou a metodologia de pesquisa de campo, do tipo qualitativo, no período de Setembro de 2020, ocorrido na escola onde os docentes trabalham efetivamente; cujo estudo consistiu observar as relações entre professores e alunos de uma escola campesina, além de se aplicar questionários individuais, visando conhecer mais profundamente os aspectos da relação.

Conforme Gil (2007), o estudo de campo é caracterizado pela busca por respostas a perguntas pré-estabelecidas, onde o indivíduo busca identificar aspectos e pontos relevantes aos seus questionamentos. O estudo de campo pode ocorrer por meio de observação de uma situação, aplicação de questionário, realização de entrevista, tabulação de dados colhidos entre outras formas.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se pelos seus aspectos subjetivos, uma vez que nesse tipo específico de abordagem, o autor procura responder a perguntas, o que desta forma cria abertura para interpretações e discussões a respeito do material levantado (SEVERINO, 2007).

A pesquisa contou ainda com um levantamento bibliográfico, abordando os principais pontos sobre a temática, de forma a buscar em estudos já realizados e publicados informações teóricas referentes ao tema em questão. A fundamentação teórica serviu como base para o trabalho e ponto de partida para a construção da discussão, a qual irá ocorrer mediante a realização da pesquisa de campo a posterior abordagem temática e comparação dos resultados.

Neste sentido, Gil (2007) explica que o levantamento bibliográfico é uma parte muito importante dentro de todo estudo, já que neste momento o estudante tem a oportunidade de conhecer mais sobre o seu tema, respondendo dúvidas e curiosidades que venham a surgir. O conteúdo levantado posteriormente serve como suporte para a discussão dos resultados encontrados.

Objetivou-se analisar a relação professor-aluno no ambiente escolar; Identificar os aspectos positivos e negativos da relação professor-aluno; Compreender a origem dos principais conflitos existentes no ambiente escolar e definir estratégias para mediar relações e conflitos.

Para tanto, buscou-se responder às seguintes questões norteadoras, que consistiram em “Como se dá a relação professor-aluno dentro do âmbito escolar? Quais são os aspectos positivos e negativos envolvidos na relação professor-aluno? Quais as origens dos principais conflitos que ocorrem dentro do âmbito escolar? E, quais os caminhos podem ser seguidos como forma de entender melhor e ajudar na resolução de conflitos?

Com a finalidade de chegar aos resultados, ocorreu a coleta e a análise de dados, com a exploração e comentários das repostas dos investigados, seguidos de sugestões e conclusão de todo o trabalho.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para elaborar este trabalho, foi necessário investigar três docentes que trabalham na escola. Todas, do sexo feminino, com trinta e seis, trinta e oito e trinta e nove anos, respectivamente. Duas professoras são graduadas em Pedagogia e Especialistas em Psicopedagogia e Neuropsicologia; e uma entrevistada tem Licenciatura Plena em Letras, cursando uma Pós-Graduação.

Todas as docentes entrevistadas já prestaram serviços em outras instituições de ensino e trabalham na escola partir de um a doze anos.

3.4 RESULTADOS DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

É de fundamental importância o bom relacionamento entre o aluno e o corpo docente de uma escola, considerando que a relação entre os familiares e a escola também é responsável pelo melhor aproveitamento do ensino. Isso porque o processo de aprendizagem vai muito além da sala de aula e depende não apenas da escola, mas também da família. Todavia, uma boa relação entre professor e aluno é imprescindível para garantir um ambiente mais favorável ao aprendizado.

Por vezes, relações de tensão e conflitos entre docente e estudantes impedem que estes últimos possam se sentir à vontade para expressar dúvidas e participar ativamente das aulas, o que compromete seu desenvolvimento e a aprendizagem necessária ao seu desenvolvimento integral. Portanto, a boa convivência entre eles, por outro lado, garante um ambiente mais saudável e enriquecedor, motivador e que inspira tranquilidade e respeito entre todos no ambiente escolar.

O referido trabalho abordou os benefícios entre a relação professor e o aluno na escola, foi desenvolvido a partir de uma pesquisa, em que houve a necessidade de ir à investigação de campo. Mediante a questão, entrevistou-se três professores da escola, donde desenvolveu-se um trabalho através de questionários individuais, cujos resultados foram de suma importância. A primeira questão, abordou sobre a relação professor e aluno na escola.

Quadro 1: Como se dá a relação professor-aluno dentro do ambiente escolar? **Fonte:** Professores da EMEF “São José” no município de Jacareacanga- Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	A relação do professor com seus alunos é de sua importância para a educação, baseados na reciprocidade, simpatia e respeito entre estes; pois proporcionam um trabalho construtivo em que o educando é tratado como pessoa.
P2	Pode-se dizer que na escola há uma relação de cooperação, de respeito, não impondo nada para o aluno, mas sim, propondo meios para que haja a interação entre ele e a escola, para assim, desenvolver o processo de ensino e aprendizagem de forma satisfatória.
P3	A relação se dá de forma amigável, fazendo com que o aluno se sinta confiável, tranquilo, para que o mesmo possa tirar suas dúvidas em relação ao conteúdo passado. Mas, claro, com uma relação de respeito mútuo entre ambos.

Conforme a pesquisa, os entrevistados afirmam que a relação entre professor e aluno, se dá baseada na reciprocidade, no respeito, simpatia, também

comentou- se sobre a cooperação, para que o aluno sinta a confiança e ocorra o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem com eficácia.

Diante das afirmações, Saltini (1997, p. 58) ressalta que "A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas [...]". E mais, a serenidade faz parte do conjunto de sensações que garantem o controle emocional nos momentos de raivas e conflitos, finalizando em pontos positivos.

Contudo, o professor em sala de aula pode e deve estabelecer um diálogo com seus alunos; é claro que com ordem e respeito, pois desta maneira o aluno se sente motivado, além do que é uma ótima oportunidade de conhecer o sujeito, entender suas dificuldades, seus sentimentos, problemas e também seus anseios.

Na realidade, o professor auxilia os alunos para que se tornem mais confiantes e interessados no processo de aprendizagem. As relações interpessoais são essenciais em qualquer espaço social, pois se está em todos os momentos cercados de pessoas, precisa- se que conviver com elas; e na escola não é diferente, por esse motivo é preciso manter boas relações com as crianças gerando o crescimento pessoal de ambas as partes.

Portanto, a relação entre professor e aluno depende mais do docente; pois a criança é o reflexo do adulto, visto que eles aprendem e reproduzem o que vivenciam, e muitas delas não têm uma família estruturada para auxiliar e educar, e a escola fica com essa função, por esse motivo pode-se afirmar o quanto é importante o papel da escola na vida da criança.

O ambiente escolar deve oferecer diversas atividades e dinâmicas para favorecer os laços afetivos entre as crianças e adultos ensinando o respeito mútuo e valorizando a individualidade de cada pessoa. Também cabe aos gestores estar sempre atentos para intervir sempre que necessário, mantendo a escola em um ambiente agradável onde todos sintam prazer de estar lá e ocorra o aprendizado com eficácia. Esse espaço de acolhimento é responsabilidade de todos e a escola como um todo não pode ficar alheia a essa necessidade de proporcionar à criança uma segurança e afetiva e um ambiente acolhedor e empático que muitas vezes a criança nem tem em casa. A investigação prosseguiu, questionando- se pontos positivos e negativos da relação professor e aluno em sala de aula.

Quadro 2: Quais são os aspectos positivos e negativos envolvidos na relação professor-aluno?
Fonte: Professores da EMEF “São José” no município de Jacareacanga- Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Os pontos positivos são a aprendizagem entre o professor e o aluno, onde cria-se uma relação de respeito e amizade, com pessoas de diferentes faixas etárias e a valorização do aluno. Quanto aos pontos negativos, é a falta de respeito e interação em sala de aula, muitas vezes a falta de comunicação, empatia e socialização.
P2	Os pontos positivos, podemos citar a cooperação, o respeito e a interação entre ambos. Já os negativos é a falta de participação de alguns pais para a vida escolar de seus filhos, principalmente daqueles mais carentes de um reforço de leitura.
P3	A forma de trabalhar com a relação professor e aluno é muito positivo; é tudo o que de bom existe. Os aspectos negativos é a não relação dessa convivência.

Ao serem interrogadas sobre os aspectos positivos e negativos da relação entre professor e alunos, as professoras responderam que é positivo a aprendizagem, a amizade, a cooperação, o respeito e a interação. Os pontos negativos, consistem na falta de interação e respeito, comunicação, empatia e socialização. Também mencionaram a falta de participação dos pais na escola dos filhos, que influencia na aprendizagem.

Na realidade, os aspectos negativos consistem em excesso de cuidados, que muitas vezes incidem em conflitos, quanto os positivos. Miranda (2008, p. 03) assegura que “O trabalho do professor em sala de aula e seu relacionamento com os alunos são influenciados e expressos pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura.”. Nesse sentido, considera-se que, é no espaço sala de aula que alunos e professor expressam sua cultura, seu modo de pensar, seus conhecimentos científicos e de mundo. É também nesse espaço de formação que a postura profissional do professor é conhecida e considerada.

Assim, a afetividade na relação professor e aluno, é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo dos mesmos, de forma integral. No entanto, é preciso por parte do educador, que haja uma atenção muito grande em sala de aula com os educandos para não transparecer atenção diferenciada ou preferência por determinado aluno em relação a outros. Todos devem ser tratados igualmente. O aluno que percebe que o coleguinha tem um tratamento diferente, mais afetuoso, pode se sentir inferiorizado. Dessa forma, o professor precisa ter cuidado para ser afetuoso de forma igualitária com os alunos. Prosseguindo a questão sobre os principais conflitos ocorrentes na escola.

Quadro 3: Quais as origens dos principais conflitos que ocorrem dentro da escola? **Fonte:** Professores da EMEF “São José” no município de Jacareacanga- Pará/2020 ok

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Na maioria das vezes são conflitos de poder, de falta de empatia e humildade.
P2	Por ser a escola um espaço de socialização, sempre existem conflitos, muitas dores se originam dos próprios pais que discordam d algumas regras ou eventos internos da escola, mas que são essenciais para manter a ordem e a socialização entre escola, professor e aluno.
P3	Quando o ambiente escolar não transmite confiança, harmonia, respeito, carinho, surgem vários conflitos; pois o às vezes o aluno não tem boa relação familiar, acaba trazendo seus problemas para a escola, tipo desrespeitando os discentes, docentes e todos os funcionários de apoio, brigando e gerando vários conflitos negativos.

Quanto às origens de todos os conflitos na escola, as investigadas afirmaram que a maioria consiste em falta de humildade, empatia, compreensão dos pais em relação a eventos escolares. Também foi mencionado que o ambiente escolar onde não proporciona a confiança, a harmonia e o respeito, tende a fracassar, gerando conflitos e situações de desarmonias.

Neste sentido, entende-se que a escola, apesar de ser um lugar privilegiado para que as diversas opiniões sejam manifestadas, tem dificuldade em lidar com os conflitos vivenciados pelos diferentes sujeitos que dela fazem parte. Muito se tem falado em violência, indisciplina, falta de limites, desinteresse em estudar, falta de estrutura familiar e, diversas outras causas que buscam justificar tais conflitos. Contudo, as intervenções sugeridas não dão conta de subsidiá-los, o que acaba gerando insatisfação por parte da comunidade escolar, pois reflete no desempenho escolar dos alunos e no processo de ensino aprendizagem.

A origem do conflito está relacionada a miséria, a consequência pode gerar atitudes agressivas e violentas, e por sua vez, a intervenção poderá ser voltada para programas sociais. Ou se há conflitos no trabalho, as causas podem estar relacionadas às más condições do trabalho, nas distribuições das funções. Se observarmos as diversas situações onde ocorrem conflitos, é possível constatar que eles se fundamentam nos erros de gestão das tensões e da convivência, no modo de vida que adotamos, e na compreensão que temos do mundo (VINYAMATA, 2005).

Mediante a questão, ao trazer a discussão sobre conflitos de forma específica para o contexto escolar, é necessário ressaltar mais uma vez, que o conflito vai além desses espaços; pois está presente nos diversos relacionamentos

interpessoais, independente do ambiente em que se está presente. Conflitos são próprios do comportamento do ser humano e quando refere-se à escola, entende-se que as situações destes, são muito mais evidentes devido a diversidade de sujeitos, e conseqüentemente a variedade de opiniões, interesses e objetivos que há entre eles, como também comportamentos diferenciados. A próxima questão, aborda as relações intra e interpessoais.

Quadro 4: Para que o docente tenha uma boa convivência com os alunos, é preciso ter relações “Intra e interpessoais”. Fale sobre. **Fonte:** Professores da EMEF “São José” no município de Jacareacanga- Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	É basicamente o ato de conhecer a si próprio e se identificar pontos fortes que precisam melhorar; é a busca do conhecimento, autocontrole e autoestima. É a capacidade do indivíduo em identificar as próprias emoções pra lidar com situações necessárias.
P2	Relação intrapessoal é o ato do indivíduo se conhecer a si mesmo; e assim avaliar e controlar suas emoções e habilidades. Já a relação interpessoal diz respeito a maneira como nos relacionamos com as pessoas à nossa volta, seja em casa, na escola ou no trabalho.
P3	Com certeza sim; pois uma boa convivência entre ambos, facilita a aprendizagem de nossos alunos. Pois teremos uma comunicação amigável, respeito e interação.

Quanto às relações intra e interpessoais entre alunos e professor, as investigadas responderam que faz-se necessário essas relações, já que uma, é de professor para professor, aluno para aluno, consistindo em autoconhecimento e a outra, é relação entre ambos os sujeitos, onde prevalece relações entre as pessoas em qualquer grupo ao qual o aluno ou professor esteja inserido.

Diante disso, Weinberg; Gould (2001) assegura que comunicação ocorre de duas formas básicas: interpessoal e intrapessoal. A comunicação intrapessoal é a comunicação que o indivíduo tem consigo mesmo, de extrema importância e que ajuda a moldar ou prever o modo como se age ou se atua consigo mesmo, afetando a motivação e o comportamento. Ressaltando neste, à comunicação interpessoal. A pessoa que envia a mensagem pretende afetar a resposta de uma determinada pessoa ou pessoas

Neste contexto, diante de tantas inteligências emocionais que uma pessoa possui, a relação interpessoal é uma de grande destaque, pois é a forma como o indivíduo lida com o seu meio social, seja na família, na escola ou no trabalho, em momentos de lazer. Um relacionamento interpessoal positivo contribui

para um bom ambiente dentro de instituições, o que pode resultar em um aumento da produtividade. Na escola, ocorre a eficácia do aprendizado.

O relacionamento interpessoal pode ser envolver diferentes sentimentos como o amor, compaixão, amizade, afinidade. Um relacionamento deste tipo também pode ser marcado por características e situações como competência. Pode ser determinado e alterado de acordo com um conflito interpessoal, que surge de uma divergência entre dois ou mais indivíduos, entre grupos sociais.

Portanto, o conceito de relacionamento intrapessoal é distinto mas não menos importante. Este conceito remete para a aptidão de uma pessoa de se relacionar com os seus próprios sentimentos e emoções e é de elevada importância porque vai determinar como cada pessoa age quando é confrontada, com situações do dia-a-dia. Para ter um relacionamento intrapessoal saudável, um indivíduo deve exercitar áreas como a autoafirmação, automotivação, autodomínio e autoconhecimento, e principalmente entre as pessoas que o cerca. À seguir, a questão sobre a empatia em sala de aula.

Quadro 5: Comente sobre “A importância do professor empático” em sala de aula. **Fonte:** Professores da EMEF “São José” no município de Jacareacanga- Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	É importante você se colocar no lugar do aluno, tentar descobrir o que ele sente, sem julgar. A empatia nos ajuda a lidar com as diferenças onde você enxerga o aluno e o respeita, à sua maneira ao seu convívio, à sua realidade.
P2	A empatia do professor faz o aluno se sentir especial, único e motivado, passando a ter mais interesse nas aulas em adquirir novos conhecimentos, tendo o professor como referência profissional.
P3	A importância de ser empático faz com que sua disciplina e sua aula seja atraente, que motiva seu aluno para que sua aprendizagem seja eficaz para seu desenvolvimento.

Em relação à empatia e sala de aula, as professoras ressaltaram a importância de se colocar no lugar do aluno. Mencionaram que é importante lidar com as diferenças, onde facilita o respeito e o convívio. Sobretudo, a aprendizagem é eficaz.

Alguns educadores estão interessados apenas em fazer o básico: resumir duas ou três lições, passar a lição de casa e depois mandar as crianças para casa. E eles não sabem o dano que causam com essa atitude

Um alto grau de empatia talvez seja o fator mais relevante numa relação, sendo, sem dúvida, um dos fatores mais importantes na promoção de mudanças e de aprendizagem. [...] Quando o professor demonstra que compreende o significado, para o aluno, das experiências em sala de aula, a aprendizagem

melhora (ROGERS, 1977). Ao procurar conhecer o que outro pensa através de experiências a precisão empática traduz a possibilidade de conhecer com mais exatidão, o que se passa pela cabeça do aluno quando aprende, ou quando está para aprender algo.

Diante disso, a inferência empática é uma espécie de leitura dos pensamentos de outras pessoas, que ocorre quando alguém estabelece hipóteses sobre como os pensamentos e sentimentos de outras pessoas estão naquele momento. Já a precisão empática é o quanto essa leitura de pensamentos alheios é correta. Trata-se de enxergar, de certo modo, o que está acontecendo na mente do outro. E o professor deve exercitar este aspecto

Neste caso, além da empatia do professor, da capacidade do indivíduo professor de perceber o nível de desenvolvimento real e potencial do aluno, de captar a forma de pensar do mesmo, fica ainda uma preocupação sobre o todo do processo educativo, que evidentemente envolve o papel do professor.

Desta forma, assim, é preciso humildade intelectual de ambos os lados, para haver comunicação pedagógica. Isso traduz ao fato de que, para haver empatia, é preciso haver certa sintonia, certa sincronia mesmo entre as pessoas, nesse caso, entre o professor e aluno. E a postura dos professores, que pretendem realmente ensinar algo, não precisa ser muito performática para dar certo.

Na realidade, basta colocar-se diante dos alunos de mente aberta e deixar-se conhecer por eles. Às vezes, eles precisam mais conhecer você do que você precisa conhecê-los. A tarefa da escola seria mais ligada à promoção do interesse e das condições dos alunos em transcenderem seu universo e ir além, adentrando o mundo exterior da cultura e desenvolvendo todos os saberes que lhes são necessários. À seguir, a pergunta sobre a contribuição dos pais na educação de seus filhos.

Portanto, a afetividade está constantemente presente na vivência do professor e aluno em sala de aula, é fortemente influenciada pela importância na formação deste. O sujeito na escola é um expectador do processo de ensino-aprendizagem e o educador, um orientador que prima pelo sucesso deste, por meio de boa convivência, empatia, afeto, compreensão e acima de tudo, aproximação para interação e troca de conhecimentos. A escola é um ambiente que deve transmitir segurança, magia e fascinação e o professor deve trabalhar estratégias para que o aluno queira sempre voltar.

Quadro 6: Os pais de alunos da escola do campo, contribuem com a educação de seus filhos? Como você lida com isso? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEF “São José” no município de Jacareacanga- Pará/2020

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Sim; a maioria contribui estabelecendo um diálogo com os pais do aluno indisciplinado. Manter a calma antes de qualquer atitude e buscar uma solução, como conhecer a realidade e convivência desse aluno com a família.
P2	Sabemos que a participação dos pais é fundamental na formação de seus filhos; mas muitos pais deixam essa tarefa apenas para a escola. Na região garimpeira onde trabalho, parece ainda mais complicado; as crianças voltam para a escola com suas atividades extraclasse em branco, são casos rotineiros e a maioria são crianças repetentes e com idade avançada.
P3	Na maioria sim, mas temos pais que alegam que não são alfabetizados e com isso dificultam o aprendizado de nossos alunos.

Finalizando o estudo, interrogou-se sobre a contribuição dos pais na educação dos filhos; e as entrevistadas afirmaram que há diálogo quando há casos de indisciplina na escola, e que é preciso compreender a realidade da convivência do aluno com seus pais.

Contudo, também mencionaram que a educação é deixada exclusivamente para a escola, já que muitos pais não delegam competência para ajudar seus filhos em casa, com deveres e trabalhos extraclasse. Afirmaram que na região garimpeira essa questão é rotineira, com alunos com histórico de reprovação e idade avançada para a classe em que estuda. Kaloustian (1988) assegura que

[...] É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (KALOUSTIAN, 1988, P.22),

A educação familiar é um direito da criança e dever dos pais. Porém, percebe-se que os pais estão perdendo o controle de seus filhos, não conseguindo impor limites, valores éticos e morais, necessários na infância. Também existem casos em que os limites impostos são rígidos demais, sendo que ambas as formas podem gerar dificuldades. O ideal é agir com moderação, ou seja, dar limites sem exagero e uma educação que possa servir de base na escola.

A integração família e escola contribuem para que esse sucesso e emancipação aconteça; pois, a partir do momento que a família é ciente de que a educação do aluno é de sua responsabilidade, a escola torna-se a ferramenta para o processo educacional e de conhecimento do aluno.

A escola do campo deve ter caráter de inclusão social, onde o educando, filho de agricultor, se sinta valorizado e projete na sua vivência comunitária um novo caminho para o desenvolvimento do campo, o desenvolvimento sustentável.

A educação no campo tem tido cada vez mais importância quando o assunto é emancipação do aluno, pois se fosse um assunto tratado há alguns anos, ao analisar o aspecto de um aluno de educação campesina, a expectativa do mesmo não seria das mais desejadas. Mas atualmente, vem a afetividade e as relações entre os agentes educacionais para facilitar a aprendizagem.

A família e a escola são parceiros fundamentais no desenvolvimento de ações que favoreceram o sucesso escolar e social das crianças, formando uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Mediante isso, o apoio familiar na aprendizagem escolar se faz necessária, pois a partir do momento que o indivíduo sente-se estimulado em casa, esse estímulo refletirá em sala de aula. Um aluno de escola rural precisa ser entendido, pois existe muitas vezes uma exceção à regra. Ademais, precisa-se retirar este estigma de incapacidade desses alunos, muitas vezes o desestímulo dentro de casa reflete em sala de aula e vice e versa. A família, precisa ser comprometida com os seus deveres e de seus membros, fazendo-se importante para o crescimento pedagógico desse aluno e desenvolvimento de forma integral.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

As relações de afeto e de boa convivência são importantes para qualquer estudante, independentemente da sua idade ou do seu grau de formação, é aquela que se estabelece com o educador, em sala de aula, no contexto escolar.

Em uma sala de aula sempre reúne vários tipos de personalidade, incluindo aí até mesmo a do professor. Alguns são mais tímidos, outros mais extrovertidos. Há aqueles que gostam de demonstrar conhecimento, os que buscam afirmação, bem como aqueles que são extremamente inseguros ou possuem dificuldades específicas. Sendo assim, lidar com essa diversidade, é essencial.

E para que ocorra uma boa relação entre o professor e aluno, é preciso que a escola leve a sério algumas sugestões, além do que se tem feito. São medidas

para facilitar a boa convivência e relações entre os que estão envolvido sem sala de aula.

1. Inserir os pais no ambiente escolar, para que possam compreender o processo de integração e desenvolvimento do aluno e o respeito ao professor.
2. Compreender o aluno como sujeito em desenvolvimento.
3. Identificar as necessidades dos alunos em sala de aula.
4. Desenvolver a empatia no ambiente de trabalho.
5. Promover eventos para a interação escola, aluno e família.

Precisa-se compreender que com o desenvolvimento tecnológico, o professor não é mais o único detentor e transmissor do saber. Os alunos têm acesso aos diversos meios de informação e comunicação existentes na sociedade, adquirindo grande parte de seus conhecimentos fora da escola. Este novo contexto exige uma nova postura do professor e da escola.

Desta forma, a escola deve transformar-se em um lugar de análise e reflexão sobre o saber trazido pelos alunos e o professor deve ser o organizador e o mediador desse processo, estimulando o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de seus discentes.

Assim como é fundamental o bom relacionamento entre os alunos e o corpo docente, a relação entre os familiares e a escola também é responsável pelo melhor aproveitamento do ensino. Isso porque o processo de aprendizagem vai muito além da sala de aula e depende não apenas da escola, mas também da família, que deve está inserida no contexto educacional.

CONCLUSÃO

Atualmente, no contexto escolar, a afetividade é vista hoje como o ponto chave nas relações produtivas entre o professor e o aluno; pois é quando este se sente motivado, seu comportamento muda positivamente, e seu interesse em aprender cada vez mais logo aumenta, levando-o a uma melhor aprendizagem de tal forma que o aluno acaba tendo uma predileção por algumas disciplinas e passa a agostar mais de determinados professores, que o faz aprender com alegria e entusiasmo o conteúdo da sua disciplina, aliado aos conhecimentos prévios que os alunos carregam consigo, da educação imposta em ambiente familiar e sua convivência em outros grupos sociais..

De acordo com o estudo na EMEF São José em Jacareacanga- Pará, realizado em setembro de 2020, pode-se constatar que se um o trabalho desenvolvido na sala não for interessante e motivador, pode haver dispersão, apatia e solidificação dos grupos informais problemas relacionais, indisciplina e obstrução do processo de ensino e aprendizagem. É o poder legítimo do professor, expresso pelo conhecimento científico e ético, que dá a base de sustentação da comunicação, da disciplina e desenvolvimento do ato pedagógico, e a interação entre professor e aluno.

Percebeu-se que ainda há a necessidade de diálogo e afetividade para que o respeito e a consideração entre professor e aluno sejam concretizados. E que a cooperação entre todos que trabalham na escola é fundamental e necessária para a motivação para se chegar ao ensino aprendizagem com eficácia, como ponto fundamental. E que tudo ao contrário, consiste em pontos negativos, levando a prejuízos educacionais.

Quanto à origem de conflitos, os mesmos sempre ocorrem devido a falta de respeito, de conhecimento e empatia em sala de aula, considerando as relações intra e interpessoais que definem empatia e a boa convivência na escola. Observou-se que os pais precisam ser frequentes na escola e que na realidade, estes deixam para o ambiente escolar a educação de seus filhos. Assim, precisa de intervenção para que os pais acompanhem seus filhos na escola.

Mediante a situação, observa-se que os alunos com dificuldades emocionais sentem falta de uma avaliação social positiva sobre si mesmo, se sentem desprestigiados, têm necessidade de chamar a atenção, de sentir que são

“vistos” pelos outros. Tais alunos normalmente apresentam dificuldades em compreender as consequências de suas atitudes e em controlar a sua conduta. Às vezes, transgredem as normas, criam problemas, causam danos sem ter consciência do que estão fazendo. Porém, outras vezes, transgredem as regras propositadamente, para obstruir o trabalho pedagógico.

Na realidade, o estabelecimento de uma relação de diálogo é importante para que o aluno também se torne protagonista do seu processo de aprendizagem. Assim, consegue tirar dúvidas, dar sugestões sobre as metodologias utilizadas e elogiar o trabalho do docente, além de fluir uma confiança entre ambos. Com isso, a relação em sala de aula vai sendo moldada de acordo com o que funciona melhor para a turma, por meio do estímulo ao diálogo em sala de aula, que motiva e incentiva a autoconfiança.

Afinal, o afeto é um ato indispensável para boas relações humanas, eficaz para reforçar potencialidades podendo ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar; e o professor deve trabalhar com emoções e sentimentos com motivação; pois é um aprendizado para o educador e educando, e também para os pais, essenciais parceiros na construção desse sujeito.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel – **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- ALMEIDA, Ana Rita. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- ARRIBAS, Teresa LLeixá e Colaboradores. **Educação Infantil: Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004; reimpressão 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, DF, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **(PNE). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.
- BRIGGS, Dorothy C. **A autoestima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 4. ed. São Paulo - SP: Gente, 2001.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12ª. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- CLARO, J. **Clima escolar: Estudos Pedagógicos**- XXXIX, n. 1, p. 347-359, 2013.
- CORRÊA, M. R. M. **Com saber, com afeto. Ama Educando**, n.254, p.38-39, 1995.
- CORTELLA, M, S. **A escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. - 2o ed. – São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo, Cortez, 1998
- DESSEN, Maria A.; POLONIA, Ana da C. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília. Distrito Federal: Paidéia, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e Prática Docente**. São Paulo: Cortez , 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, São Paulo, 1996.
- FREITAS, Ivete Abbade. **Família e Escola: A Parceria Necessária na Educação Infantil. Presidente Prudente**: Unoeste, 2006.

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

PAULO, Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo; UNESP, 2000

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GOLDANI, A; TOGATLIAN, M. A; COSTA. R. A. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990,

LÜCK, Heloísa. et.al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 1998.

MELLO, Guiomar Namó. **Magistério de 1º grau**. São Paulo, Cortez ; Autores Associados, 1982.

MIRANDA, Elis. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensinoaprendizagem no contexto afetividade**. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós Graduação. FAFIUV, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGOSPEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 7 de abril de 2020.

MORALES, P.V. **A relação professor-aluno o que é, como se faz**. São Paulo. Editorial y Distribuidora, 2001.

SANTOS, Maria Sirley dos. **Pedagogia da diversidade**. São Paulo: Mennon, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 1998.

PEDRO, Ana Paula. **Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum**. vol. 55 nº 130. Belo Horizonte: Kriterion, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 nov 2020.

PEREIRA, Maria José de Araújo; GONÇALVES, Renata. **Afetividade: Caminho para a Aprendizagem**. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/alcance/>. Acesso em 16 Maio de 2020.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense: Universitária, 1967.

PIAGET, J. (1932). **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense: Universitária, 1992.

PIMENTEL, Lago. **Noções de Psicologia**. São Paulo Ed. Melhoramento, 1967

REGO, Teresa C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana**. In: AQUINO, JulioGroppa (Org.). **Indisciplina na escola alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & Inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

SILVA, M. J. P. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, M.A. **Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Rita de Cássia Petrarca RODRIGUES, Gabriela Adamatti; **A falta de limites na relação pais e filhos e o papel da escola**, v. 4 n. 2. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: 2011. Disponível em: <<http://revi>> Acesso em: 30 Ago. 2020.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1999.

TORO, Rolando. Biodanza. **Sistema Rolando Afetividade**. 1999 (Apostilas digitadas).

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1992.

WALLON. H. **Do ato do pensamento. Ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: vozes. 2008

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Currículo: A Atividade Humana como Princípio Educativo**. 2.ed. São Paulo: Libertad, 2009.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánches, **Ética**, 14ª edição, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1993.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VINHA, T. P. **Em busca de caminhos que promovam a convivência respeitosa em sala de aula todos os dias**. Projeto de pesquisa. Unicamp/Lemann/Itau BBA. Campinas, 2015.

VINYAMATA, Eduard. **Compreender o Conflito e Agir Educativamente**. IN: VINYAMATA, Eduard. (Org.). **Aprender a partir do Conflito: Conflitologia e Educação** Porto Alegre: Artmed, 2005. .

APÊNDICES



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário faz parte de um trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- FAI, intitulado "Benefícios da convivência entre professores e alunos no ambiente escolar do campo".

Questionários para os professores

- Sexo: _____ Idade: _____.
- Graduação: _____.
- Pós- Graduação: _____.
- Tempo de trabalho nesta escola: _____.
- Já trabalhou em outra escola: Sim () Não ()

1. Como se dá a relação professor-aluno dentro do ambiente escolar?

2. Quais são os aspectos positivos e negativos envolvidos na relação professor-aluno?

3. Quais as origens dos principais conflitos que ocorrem dentro da escola?

4. Para que o docente tenha uma boa convivência com os alunos, é preciso ter relações “Intra e interpessoais”. Fale sobre.

5. Comente sobre “A importância do professor empático” em sala de aula.

6 Os pais de alunos da escola do campo, contribuem com a educação de seus filhos? Como você lida com isso? Justifique sua resposta.

Obrigada!